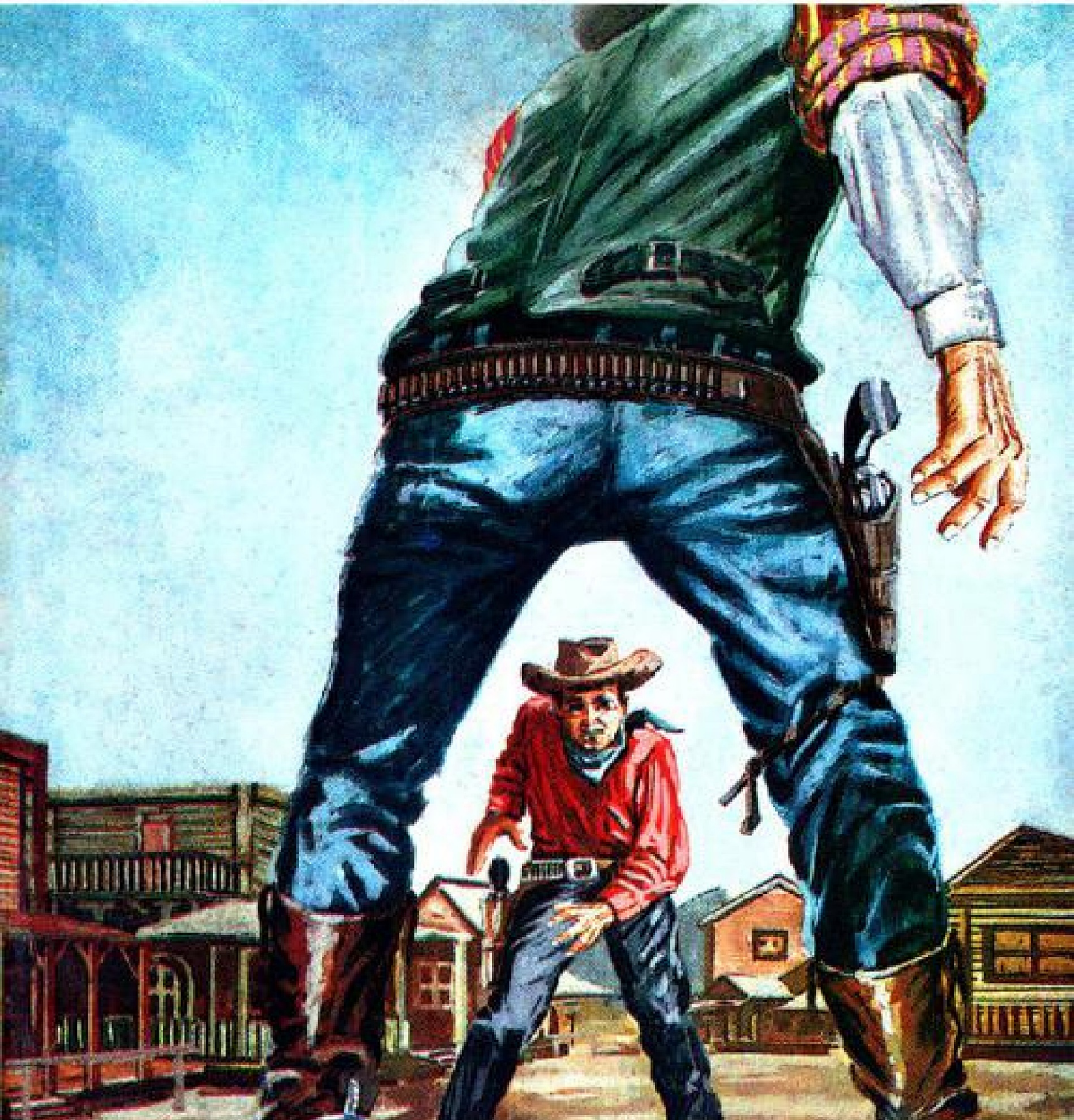
CHUMBO GROSSO

A MORTE NÃO AVISA

JAMES LANCASTER



SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 91

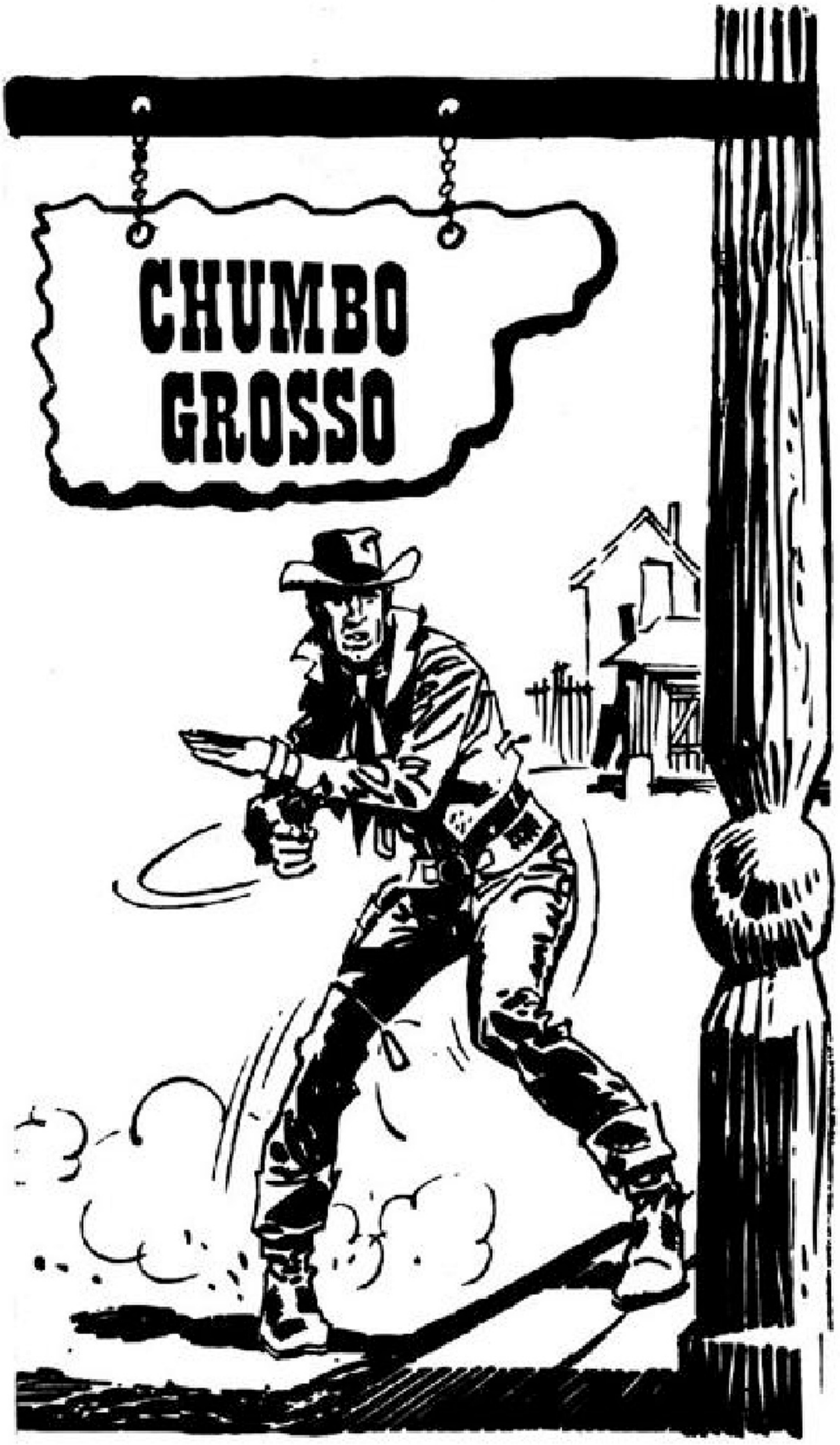
TÍTULO: A MORTE NÃO AVISA

CAPA: JORDI

AUTOR: JAMES LANCASTER

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1990


CHUMBO
GROSSO

A MORTE NÃO AVISA

JAMES LANCASTER

Capa de:

JORDI

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMXC Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

PRÓLOGO

Destino: A forca!

Denis Smart, o xerife de Lubbock, um tipo alto e sombrio, empurrou a pesada porta de carvalho que dava para as celas e dirigiu-se a uma delas.

— Muito bem, Sam, aqui está o seu jantar.

— Meu último jantar, não é, xerife? — inquiriu o prisioneiro, levantando-se pesadamente do catre imundo, caminhando para onde se encontrava a autoridade, com um prato na mão.

— Infelizmente parece que sim, Sam.

Sam North, um homem baixo e atarracado, beirando os cinquenta anos e que coxeava de uma perna, recolheu o prato e murmurou:

— Smart, eu não matei meu patrão.

— Nem o juiz Hayden nem os jurados acreditaram na sua história, Sam.

— Há quantos anos nos conhecemos, Smart? — inquiriu o preso.

— Há mais de vinte, creio eu.

— Isso mesmo, xerife, há mais de vinte anos. Durante todo esse tempo soube algo que desabonasse minha conduta?

O xerife fez que não com a cabeça, um tanto constrangido.

— E então, homem, não acredita que eu seja inocente?

— Você foi encontrado com um revólver na mão ao lado do corpo do senhor Anderson, que agonizava, com um balaço no peito esquerdo.

— Tá repeti a história umas cem vezes!

— Certo. Mas ninguém acreditou nela, Sam — tornou a autoridade, verificando que o homem à sua frente estava arrasado.

— Smart, quando entrei no escritório do senhor Anderson, e deparei com ele se esvaindo em sangue, notei que havia uma arma próxima à sua cabeça...

— Sei... então você se agachou e a apanhou, certo?

North fez que sim, com um gesto de cabeça.

— Nesse momento, entram dois vaqueiros e o dominam.

— Olhe aqui, xerife, eu não tinha nenhum motivo para matar meu chefe, amigo de muitos anos.

—Isso é o que você diz, Sam.

—E é a pura verdade!

O xerife soltou um suspiro e empurrou o prato por uma abertura, vendo que o prisioneiro voltara a sentar-se no catre.

— Vamos, homem, coma!

O outro ignorou a frase. Indagou:

— Você enviou a carta que lhe entreguei, xerife?

—Sim, já deve estar a caminho. A propósito, quem é o sujeito a quem você escreveu em Sonora?

— Um grande amigo, xerife. Um grande amigo. pode ter certeza disso.

Smart deu de ombros e afastou-se voltando para seu escritório.

Por alguns instantes, North ficou observando a comida, mas um imenso bolo formara-se em sua garganta, impedindo-o de comer. Segurou a cabeça e apertou as têmporas, procurando acalmar-se. E voltou a recordar aquele dia fatídico, há cerca de um mês atrás.

* * *

Sam North apeou diante da casa principal do rancho, uma construção sólida, de tijolo e pedra, toda pintada de branco. Observou que havia luz no escritório do patrão e para lá se dirigiu, a fim de relatar os recentes acontecimentos no pasto norte, onde estavam mais de mil reses confinadas e prontas para serem embarcadas para a capital.

A noite havia caído há mais de duas horas e ao redor tudo era um profundo silêncio, as vezes quebrado pelo mugir longínquo das reses. Ele preparava-se para amarrar o animal à trave, quando escutou o estampido proveniente do interior da casa. De um salto, cobriu os degraus que se interpunham entre ele e a varanda e penetrou na grande sala de estar, disparando, sem pensar duas vezes, para o escritório.

A porta da frente do gabinete encontrava-se entreaberta e North a empurrou, ficando petrificado com a cena. No centro da sala, sobre o tapete, jazia o proprietário do rancho, James Anderson, com uma imensa mancha vermelha sobre o peito esquerdo, gemendo de dor. A seu lado, um Colt 38 reluzente. Ele abriu os olhos e reconheceu seu capataz. Balbuciou:

— Sam... Sam...

North ajoelhou-se a seu lado e apanhou a arma, que ainda estava quente e indagou:

— Quem fez isso, senhor Anderson?

O rancheiro quis falar, porém uma golfada de sangue e uma tosse sacudiram-lhe o corpo, impedindo-o.

North ficou de pé e dirigiu-se à janela que dava para a lateral que se encontrava aberta. Foi então que algo muito duro atingiu sua cabeça. Um minuto depois, ele se encontrava ao lado do corpo do patrão, desmaiado.

* * *

O juiz Mel Calvert, de Lubbock, entrou na sala e todos ficaram de pé, respeitosamente. Ele era um homem baixo e magro de barba cerrada, beirando os sessenta anos. Sentou-se e todos o imitaram.

— E então, senhores? — indagou ele, olhando para os jurados. — Chegaram a algum acordo?

— Sim, meritíssimo — respondeu um deles, ficando de pé. — Achamos que o réu aqui presente, Samuel North é o responsável pela morte do senhor Anderson, aliás, James Anderson, proprietário do rancho do mesmo nome.

North, que se encontrava entre dois homens armados, quis ficar de pé, sendo impedido.

O juiz, então, muito sério, fez um pequeno discurso sobre o crime, as suas implicações, e sobre o alcance do longo braço da lei. Em seguida. sem aparentar qualquer emoção, mandou que o réu se levantasse, anunciando:

— Samuel North, pelo poder que me é conferido pelo Estado do Texas... eu o condeno à morte por enforcamento, dentro de trinta dias, a contar da presente data.

De fato, apesar de jurar inocência até o último instante. North nunca conseguiu impressionar ninguém em Lubbock. E um mês depois, foi enforcado numa madrugada chuvosa e triste, no pátio interior da cadeia, tendo apenas como testemunhas, o xerife, seus auxiliares e o pastor da igreja local.

Mas isso é apenas o começo desta história.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Vaqueiro ou pistoleiro?

Os três homens que se encontravam numa pequena elevação à margem esquerda da estrada que vinha de Abilene a Lubbock. mastigavam placidamente nacos de carne seca, enquanto passavam uma garrafa entre si.

O mais alto deles, um tipo magro e taciturno, tomou seu gole e disse:

— Porcaria! A diligência está atrasada outra vez.

— Calma, Ferris — ripostou o mais baixo do trio. — Qualquer atraso vale a bagatela de vinte e cinco mil dólares.

O terceiro, um mexicano retaco, riu:

— Rusck tem razão! A grana vale a espera.

— Vá para o inferno, Morales. Eu falo o que bem entendo. Ou já esqueceu que continuo sendo o chefe deste maldito trio?

O mexicano deu de ombros, apanhou a garrafa que Rusck lhe passara e em seguida tomou um longo trago, estalando os lábios grossos.

— Vocês dois sabem o que fazer, não? — prosseguiu o chefe, examinando um velho relógio de algibeira. — Não quero falhas desta vez.

Rusck e Morales se entreolharam, mas nada disseram.

O chefe prosseguiu:

— Vocês dois tratem de amedrontar bem o cocheiro e o guarda, mas nunca atirem para feri-los ou matá-los, entendido? Um assalto é uma coisa... um assalto acompanhado de mortes é outra inteiramente diferente.

— Você vai mesmo dar dois mil dólares para o sujeito do banco em Lubbock? — inquiriu Morales, um tanto incrédulo.

— E por que não, mexicano? Talvez a gente precise de outras valiosas informações no futuro.

Morales grunhiu algo e tornou a fechar a cara larga e barbada.

— O chefe tem razão, mexicano. Uma informação desta, vale dinheiro. A propósito, Ferris, como é o nome do nosso informante?

— Preston. Léo Preston, o chefe dos caixas do banco de Lubbock.

— Bom sujeito, esse tal de Preston — gracejou Rusck. — Com essa...

— Cale a boca, Rusck! — disse o mexicano, deitando-se e encostando um dos ouvidos no chão duro. —A diligência vem aí.

— Quando o mexicano diz que vem, é por que vem — comentou Ferris, os olhos também fitos na linha do horizonte.

De fato, cinco minutos mais tarde, uma pequena nuvem de poeira acinzentada surgiu lá longe, a três ou quatro quilômetros.

* * *

A moça alta e loura, de profundos olhos verdes, que se sentava ereta no banco desconfortável do veículo, indagou para seu vizinho, um gorducho de meia-idade, que gemia a cada solavanco:

— Estamos perto de casa, não, senhor Forrest?

— Sim. senhorita Anderson. Pelo que vejo, apesar de ter passado quase quinze anos longe de casa, não esqueceu a paisagem local.

— E que bela paisagem — troçou um vaqueiro, rapaz jovem e tostado do sol, com um sorriso alvar. — Todas as paisagens do oeste são mais parecidas. Areia, cactos, saguaros, pedras, cascavéis e coiotes. E raramente um rosto bonito de mulher.

— Para ser vaqueiro, você é um bocado insolente, moço — resmungou com reprovação na voz o homem gordo. — A senhorita Anderson dispensa seus comentários.

A moça sorriu, sem se molestar:

— Deixe isso para lá, senhor Forrest.

— Não se ofenda, moça. Nós, os vaqueiros, somos muito mal-educados.

— Para onde está indo, vaqueiro? — indagou ela.

— Para o Novo México. Estão precisando desperadamente de vaqueiros em Portales e Alamogordo. E pelo que soube, estão pagando muito bem.

— Sempre ouvi dizer que todo vaqueiro tem um cavalo — tornou ela.

— E tinha, moça, até alguns dias atrás. O infeliz quebrou uma perna e fui obrigado a enfiar-lhe uma bala na cabeça.

— Lamento saber disso.

O rapaz deu de ombros:

— Quem sabe, talvez em Lubbock possa comprar outro.

— Conhece Lubbock? — inquiriu ela.

— Não... é a primeira vez que ando por estas bandas.

— Existem grandes ranchos em Lubbock — completou a moça.

— E o da senhorita Anderson é um dos maiores — intrometeu-se o gordo passageiro. — Muito gado e excelente pasto, além de benfeitorias.

— Hum... pelo que pude ouvir, a senhorita acaba de receber o rancho como herança — tornou o vaqueiro. — A propósito, qual é o seu nome?

— Janet — respondeu prontamente a moça.

— E você é um bocado curioso para ser vaqueiro.

— É verdade, sou um bocado bisbilhoteiro, senhorita. O meu é... Maxwell. Willcox Maxwell.

— Não está muito longe de casa, Maxwell? — inquiriu Forrest.

— Para dizer a verdade, senhor, minha casa é meu chapéu — riu de mansinho o vaqueiro, muito à vontade. — Aonde houver um pasto, um boi, reses para serem marcadas, pode apostar que eu estarei por perto.

— Um típico andarilho ao que parece — sorriu a jovem, apreciando os modos simples e diretos de Maxwell.

— Todo vaqueiro o é, senhorita. A propósito, foi seu pai que morreu?

— Ele foi assassinado, Maxwell. Pelo próprio capataz — respondeu com má vontade o gordo Forrest.

— Entendo... e quanto ao capataz?

— Foi julgado e enforcado, rapaz — resmungou Forrest, de má vontade. — Deseja saber de mais alguma coisa?

— Tudo isso é lamentável — ripostou o vaqueiro. franzindo fortemente a testa. — Espero que a senhorita já esteja recuperada do golpe.

A jovem fez que sim com um aceno e ia dizer algo, quando soaram dois disparos. O guarda, que se sentava ao lado do cocheiro, gritou:

— E um assalto, amigos! Protejam-se!

O passageiro gordo balbuciou:

— Meu Deus! E eu carrego vinte e cinco mil dólares do banco.

— Joguem-se no chão do carro! — ordenou Maxwell, sacando do .45.

O casal não esperou segunda ordem, lançando-se às tábuas sujas, tendo Forrest soltado um palavrão.

Maxwell engatilhou a arma e gritou para o alto:

— Diminua a marcha da diligência, cocheiro!

— Mas assim eles vão nos alcançar — veio a resposta do alto.

— Faça o que eu digo, e rápido! — tornou o vaqueiro, sentando-se numa das pontas do banco. espiando para fora. notando que os cavaleiros diminuíam a distância que os separava do veículo. — Isso mesmo, canalhas... tratem de se aproximar mais...

De repente, o Colt em sua mão pareceu criar vida e vomitou sua melodia mortal em forma de chumbo quente, Maxwell sorriu e gritou outra vez à dupla que se encontrava na boleia:

— Já pode parar, cocheiro, está tudo acabado.

O homem obedeceu à ordem e o pesado veículo imobilizou-se alguns metros depois, com um ranger de freios e protestos dos animais.

Maxwell foi o primeiro a saltar, ainda com o Colt fumegante na mão e o olhar atento.

O cocheiro e o guarda também saltaram, imitando-o. O velho condutor, com a admiração estampada no rosto, comentou para o companheiro que também estava abismado:

— Jesus! Nunca vi rapidez e pontaria iguais!

Uma das portinholas da diligência se abriu e Forrest e Janet saíram, assustados como dois ratos.

Maxwell examinou os dois primeiros corpos e viu que estavam mortos.

Notou então que o terceiro homem se mexera e para lá se dirigiu, bem alerta. Seu rosto bronzeado abriu-se num sorriso, quando verificou que no breve espaço de alguns segundos o assaltante se movera rapidamente, e logo em seguida, com um movimento ágil, tentara apanhá-lo de surpresa.

O que o sujeito não esperava foi a reação fulminante de Maxwell, que, com duas largas passadas postou-se a seu lado, deixando que ele retirasse a arma que se encontrava sob seu corpo.

Com um chute, Maxwell fez a arma do outro voar longe, ao mesmo tempo em que engatilhava o Colt, apontando-o para a cabeça do outro. O homem prosseguiu deitado, com uma grande mancha vermelha no ombro esquerdo, olhando bestificado para o buraco negro do .45 apontado para sua testa.

— Ah! Um mexicano... reconhece-o, cocheiro?

Os outros se aproximaram, mas foi o guarda que disse:

— Este patife chama-se Antonio Morales. Por conseguinte, os dois que estão ali estirados são Ferris e Rusck. Um trio e tanto, de há muito

procurado pela justiça. Sabe, rapaz, acho que você acaba de ganhar uma gorda recompensa... uns três mil, salvo engano.

— Não deixa de ser uma boa ajuda — riu Maxwell, encarando o mexicano a seus pés.

O cocheiro, que se afastara para examinar os corpos, regressou e foi logo dizendo:

— Rusck e Ferris estão mortos, senhor Maxwell.

— Pior para eles. A propósito, Forrest, alguém sabia que você transportava tanto dinheiro para o banco de Lubbock? — quis saber o rapaz, sem despregar os olhos do mexicano.

O gerente do banco pareceu acordar e balbuciou:

— Sim... han... claro. Só pode ser isso...

— Vamos lá. homem, desembuche — pediu o vaqueiro, intrigado.

— Bem... — o homem passou a língua nos lábios ressequidos — naturalmente, além de mim. havia outras pessoas, claro.

— Quem. por exemplo? — prosseguiu Maxwell.

— Hum... o pessoal da matriz, naturalmente. em San Antonio.

— Deixe essa gente para lá. Quem sabia do dinheiro, em Lubbock? — os olhos de Maxwell desviaram-se um pouco do prisioneiro para se fixar rapidamente em Forrest.

— Bem... eu, e Léo Preston, chefe dos caixas.

— Somente vocês dois? — indagou Maxwell.

— Isso mesmo. Somente nós dois — garantiu o gerente.

— E como essa informação foi ter a eles? — inquiriu o vaqueiro, sentindo que o mexicano, estatelado ao solo, ficara inquieto.

— Você não está pensando que Preston... — murmurou Forrest.

— E por que não? — inquiriu Maxwell.

— Ora, Preston já está conosco há quatro ou cinco anos.

Maxwell encarou o mexicano:

— Foi esse tal de Preston que passou a informação a vocês?

Morales apenas o encarou, mas não respondeu.

O vaqueiro sorriu e engatilhou a arma:

— Gostaria de acompanhar seus companheiros, mexicano?

Novamente o silêncio foi a resposta de Morales.

Maxwell apertou o gatilho do .45. A bala arrancou um pedaço do lóbulo da orelha esquerda do assaltante, que soltou um gemido e sentou-se,

encarando o vaqueiro. Seu ombro atingido voltou a sangrar.

— Você... não pode — balbuciou o homem, enquanto Maxwell engatilhava novamente a arma, agora apontando para o centro da testa dele.

— Quem disse que eu não posso — riu entredentes o rapaz. — Vou perguntar apenas mais uma vez. Quem passou a informação a você? Se prosseguir de boca fechada, pior para você. Você tem exatamente três segundos!

— Você não pode me obrigar...

— Um — disse Maxwell.

— Por favor... façam alguma coisa...

— Dois — prosseguiu o rapaz, sem qualquer emoção na voz dura.

Morales olhou para os cadáveres dos companheiros e sentiu um imenso calafrio a percorrer-lhe a espinha.

— Três. Seu tempo acabou, patife!

— Está bem, está bem, eu falo.

— Estou escutando, Morales.

— Foi... foi esse tal de Preston...

— Prossiga... — ordenou Maxwell, inflexível.

— Ele e o chefe, Ferris — Morales olhou para o cadáver um pouco distante dali, com o peito ensanguentado —, já se conheciam há bastante tempo, e este passava as informações, em troca de dinheiro, claro.

— Por isso já havíamos perdido um bom dinheiro — murmurou Forrest, olhando para o mexicano.

— Aí está, Forrest — disse o vaqueiro, guardando a arma. — Afinal, os seus problemas acabaram.

O outro assentiu com um gesto de cabeça.

— Nós lhe devemos muito, rapaz.

— Transforme seus agradecimentos em... dólares e estamos certos.

— Sim, claro, claro — ripostou o gerente do banco. — Logo que abrirmos o banco, amanhã pela manhã, terá seu dinheiro. A propósito, rapaz, eu posso fazer-lhe uma pergunta?

— Naturalmente...

Afinal, você e um vaqueiro ou um pistoleiro? — riu Forrest.

— De onde eu venho, ou você é ambas as coisas ou então não sobrevive durante muito tempo — respondeu Maxwell.

— E de onde você vem, vaqueiro? — inquiriu a senhorita Anderson.

— De muitos lugares, moça — respondeu ele. — De muitos lugares...

E encaminhou-se para onde estava Morales, fazendo-o ficar de pé.

Já entardecia, quando o estranho cortejo entrou pela rua principal e parou defronte ao banco.

Cinco minutos mais tarde, Maxwell e Forrest arrastavam Preston direto para o xerifado, ante o olhar atónito de dezenas de pessoas, que pareciam estarrecidas ante o que estava acontecendo.

* * *

O xerife Smart olhou demoradamente para Maxwell e disse:

— Moço. você acaba de ficar dois mil e quinhentos dólares mais rico. Ê o total da recompensa pela captura ou morte do trio. Aqui está a ordem com a minha assinatura. A Associação de Bancos do Território terá o máximo prazer cm pagar-lhe. Fez um ótimo trabalho.

— Obrigado, xerife — falou o rapaz, embolsando o papel.

— A propósito, pretende demorar-se em Lubbock?

— Ainda não sei, xerife.

— Só não gostei de uma coisa, Maxwell...

— Do quê, xerife? — quis saber o vaqueiro, intrigado.

— Você devia ter me procurado, logo que chegou à cidade.

— Isto eu fiz ver ao senhor Forrest, mas ele ponderou que talvez seu funcionário, o tal de Preston, tentasse escapar.

— Compreendo...

— Ótimo. Assim, fica sabendo que não quis passar sobre a sua autoridade. A propósito, onde posso comprar um bom cavalo?

— Hum... Jameson, o ferreiro, pode arranjar-lhe um. Mas trate de permanecer de olhos abertos, pois ele é capaz de lhe passar um pangaré ordinário por um puro sangue.

— Outra coisa, Maxwell...

— Pode dizer, xerife.

— Esta é uma cidade pacata e ordeira.

— Foi o que também me pareceu, xerife.

— Ótimo, rapaz. E espero que ela continue assim.

— Se depender de mim. tudo bem.

— Isso. Procure não se meter em encrencas, certo?

— Obrigado pelo conselho. Aliás, eu não me meto em encrencas, xerife Smart. Elas é que me procuram. Tenha um bom-dia.

Dizendo isso, Maxwell deixou o escritório, saindo para a rua ensolarada.

Smart levantou-se e foi até a janela, acompanhando o vaqueiro com um sulco de preocupação na testa franzida.

— Este camarada ainda vai me dar muitos aborrecimentos — murmurou.

E estava coberto de razão.

* * *

Do alto do andar superior do saloon, em um quarto bem mobiliado, uma loura alta e exuberante, sorria, enquanto acendia uma cigarrilha, olhando diretamente para a calçada fronteira, por onde caminhava Maxwell à procura do estábulo do ferreiro.

— Um homem e tanto, não Geórgia? — inquiriu uma voz masculina às suas costas, com um sotaque ligeiramente efeminado.

A loura voltou-se e encarou seu crupiê, um mexicano chamado Maldonado e sorriu:

— Um belo garanhão, sem dúvida nenhuma, Mal.

— Está mesmo disposta a fazer-lhe uma proposta?

— E por quê não? — inquiriu a loura, tragando a fumaça suave. — Posso oferecer-lhe um bom salário como meu leão-de-chácara, muito mais do que o ganho de um simples vaqueiro.

— E uma cama bem quentinha também, não? provocou Maldonado.

Geórgia Stone. a dona do saloon, soltou uma risada cristalina.

— Você é um safado. Mal.

— Qual, sou apenas um sujeito realista.

— Qualquer hora dessas ele aparece. Maxwell, não é mesmo?

— É o nome dele. O guarda da diligência falou que ele é rápido como um raio.

— Ê disso que eu estou precisando: de um pistoleiro rápido e decidido como um raio e possante como um búfalo!

O crupiê soltou uma gargalhada canalha.

CAPÍTULO SEGUNDO

Ninho de víboras

O juiz Calvert encarou o xerife e sorriu:

— Viu como tudo deu certo, Smart?

O xerife sentou-se pesadamente numa cadeira defronte ao magistrado e soltou um longo suspiro, sacudindo a cabeça.

— Por um momento pensei que íamos ser descobertos, Mel.

— Qual! Isso aqui é uma terra de paspalhões. A propósito, ainda continuo sem saber como foi que você teve tanta sorte, homem.

O xerife, agora mais descontraído, retrucou:

— Ora, foi até muito simples... Logo que anoiteceu, vi que não havia ninguém por perto e entrei pela porta da frente. Anderson ficou um bocado surpreso ao me ver entrando em seu gabinete, mas em seguida levantou-se e veio cumprimentar-me. Por sorte, ele estava com uma das suas armas diante de si, sobre a escrivaninha.

— Entendo... — foi o comentário do magistrado. — Ele gostava deveras de colecionar armas de fogo.

— Certo. Mostrei-me então interessado sobre o Colt 38, uma verdadeira obra de arte. Ele sorriu e entregou-me o revólver, pedindo para que o examinasse.

— O resto é fácil de adivinhar...

Smart sorriu debochadamente e prosseguiu:

— De fato, tudo foi muito simples. Enfiei-lhe uma bala no peito, e preparava-me para saltar a janela que dá para uma das laterais, mas ouvi um golpe e um sofrear de montaria.

— Era o finado Sam North — gracejou o juiz.

— Isso mesmo. Para minha sorte, o capataz acabara de chegar. Enfiei-me por detrás da cortina e esperei.

— Foi um verdadeiro achado North ter aparecido — riu o juiz, cofiando sua bem cuidada barba. — Uma pancada na cabeça dele e fim...

O outro assentiu.

— Nosso amigo Anderson era um bocado teimoso — sentenciou o juiz. — Se ele me tivesse vendido aquele pedaço de terra que passa pelo arroio seco, hoje estaria vivo. Ele e North.

— É verdade, Mel... E quanto a estrada de ferro?

— Dentro de mais uns seis meses deverá chegar uma equipe de topógrafos e engenheiros para a verificação do terreno.

— E a ferrovia vai passar exatamente pelas terras dos Anderson, mais exatamente pelo arroio seco. circundando aquela elevação rochosa que fica situada nas terras do município. Assim, a ferrovia ganhará muitas milhas, e economizará um bocado de dinheiro.

— Mas terão que pagar hem caro por aquela nesga de terra.

— Sim... muito caro. Uns cinquenta mil dólares. eu presumo.

— E você ofereceu três mil pela terra, certo, juiz?

— Isso mesmo, e poderia chegar até aos cinco mil, mas Anderson negou-se a vendê-la.

— Para azar dele.

— Será que ele não desconfiou de nada, juiz? — inquiriu o xerife, os olhos postos na figura magra e carismática do outro.

— É bem provável que sim...

— E agora, o que faremos, juiz? — indagou o xerife.

O magistrado cofiou mais uma vez a barba bem cuidada, antes de dizer em tom velado:

— Vamos deixar as coisas esfriarem um pouco. Então, voltarei à carga para conseguir aquele pedaço de terra.

— Vai tentar convencer a moça a vender-lhe o arroio seco?

— Sim... espero convencê-la sem necessidade de usar da violência.

— Hum... não sei não, juiz, mas algo me diz que aquela moça não será fácil de ser dobrada.

— Pior para ela — pensou Calvert. Em seguida prosseguiu:

— Mas se ela for cabeça dura igual ao pai, terá o mesmo fim.

— Bem, mas aí, como nós ficaríamos?

O velhote soltou uma risadinha gutural:

— Já pensei em tudo, meu amigo!

— Como assim, juiz? — quis saber o xerife.

— Bem... se ela colocar dificuldade na venda da terra, poderá sofrer um acidente fatal, quem sabe...

— Mas aí, as terras...

— Iriam a leilão, para pagar “certas dívidas” contraídas à municipalidade pelo rancheiro.

— Que dívidas? Todos sabem que Anderson não devia nada a ninguém.

— Quem lhe disse semelhante bobagem, Smart? — sorriu o velho. — Acha mesmo que não pensei em tudo?

— Juiz, você é diabólico — murmurou Smart, dando uma gargalhada.

— Por dinheiro faço qualquer negócio, meu amigo.

E acompanhou o outro na risada.

* * *

— O que mais você sabe sobre esse sujeito que foi enforcado há cerca de três meses, Maldonado? — inquiriu Maxwell, encarando o crupiê.

O mexicano deu de ombros, enquanto embaralhava as cartas.

— Isso é tudo, Maxwell. Todos nós achamos estranho que North, um tipo pacato e extremamente dedicado ao patrão houvesse feito aquilo. Mas...

— Mas o quê? — perguntou o outro.

— As provas eram todas contra ele...

— Sim, é verdade.

— Afinal, por que tanta curiosidade sobre esse caso, Maxwell?

— Sei lá... enforcamentos sempre me atraíram, Maldonado.

— Não lhe gabo o gosto — murmurou o outro com uma careta de profundo desagrado. — Mortes sempre me deixam profundamente deprimido.

Maxwell sorriu e virou-se para a porta de entrada, por onde três vaqueiros acabavam de entrar. Olhou para os coldres baixos dos homens com a testa franzida. Sabia que teria encrenca pela frente. Fez um sinal discreto para Fred, o barman, mostrando os estranhos. O outro assentiu e saiu discretamente para os fundos, por uma porta, voltando momentos depois com algo embrulhado em um pano sujo. O rapaz sorriu, pois sabia que Frank fora apanhar uma velha escopeta calibre .12 de dois canos.

Maldonado também notou os sujeitos e levantou-se, aproximando-se com desenvoltura da mesa deles.

— Andam a passeio ou topam um joguinho? indagou.

Um deles, o mais velho, examinou o crupiê de alto a baixo e disse:

—Hum... não sei não. O jogo é honesto?

—Traga os baralhos, Fred— disse o mexicano, puxando uma cadeira.

— Aqui não se fazem trapaças, rapazes.

— Está bem, temos mesmo algum tempo.

Um outro indagou, mostrando Maxwell:

—Quem é o tipo lá?

—Cuida da segurança da casa — respondeu Maldonado.

— Conhece bem o ofício? — prosseguiu o tipo.

— É um dos melhores. Bastante rápido.

— Hum... depois vamos ver isso — riu o homem. — Onde está o baralho, camarada? Providencie também uma garrafa de uísque e os copos.

O crupiê deu meia-volta e fez um sinal para o balcão.

A tudo isso Maxwell observou, sem mover um só músculo, embora continuasse com o cenho j franzido.

* * *

Janet Anderson sofreou a montaria diante do armazém e saltou para as tábuas gastas da calçada, olhando ao redor. Vestia-se como uma amazona, e usava um reluzente Coll calibre .38 num coldre baixo.

Ela amarrou o cavalo à trave e entrou no armazém, sendo atendida pelo proprietário, um mexicano magro e sorumbático, chamado Garcia -— O que manda, senhorita Anderson? — indagou ele, prestativo.

A moça olhou ao redor e retirou uma lista do bolso, passando-a rapidamente ao proprietário da casa.

— Meu capataz e um vaqueiro vêm aí atrás com o carroção. Trate de ir separando a mercadoria, enquanto dou uma volta por aí — murmurou ela.

E sem esperar resposta, deu meia-volta e saiu para o calor da rua. Naquele mesmo instante, um dos três homens que estavam bebendo e jogando no Georgia’s Saloon, levantou-se e disse aos demais:

— Vou saber o porquê do atraso dessa maldita diligência, pessoal.

O mais velho do trio levantou os olhos das cartas e pediu:

— Faça isso, Slim. E passe pelo armazém, traga alguns charutos.

O sujeito fez que sim e dirigiu-se à porta de vaivém. Mal andou poucos passos, soltou um assovio e virou-se para dentro:

— Rapazes, venham ver que “zinha” espetacular!

Os outros dois soltaram as cartas e dirigiram- se à porta.

— Tem razão, Slim. Faz tempo que não vejo coisa igual — murmurou com um sorriso safado o mais novo dos três. — Acho que vou acompanhar a gatinha, meus amigos.

— Um momento, Burt. Eu a vi primeiro — ripostou Slim. — Logicamente, a preferência é minha. Estou certo, Fleming?

— Sim, acho que você está certo — riu o mais velho. — Vá em frente e faça bonito, garoto.

Slim sorriu e desceu a calçada de madeira, caminhando para a esquerda, por onde a jovem rancheira se aproximava, examinando a vitrine de uma loja de moda feminina.

Os dois outros quiseram seguir para ver o que acometia, porém foram impedidos por uma voz autoritária:

— Fiquem fora disso, rapazes!

Os homens se viraram e deram com a escopeta de dois canos do barman que sorria mansamente. Do lado dele. Maxwell apareceu, dizendo:

— Façam o que Frank ordenou, amigos. Este canhão dele faz um estrago tremendo na pele de qualquer um. Entrem, sentem-se e fiquem com a mãos sobre a mesa, onde ele possa vê-las.

Os dois se entreolharam, mas acataram logo a ordem de Maxwell, que em seguida os desarmou, jogando suas armas para dentro do bar.

— Fique de olho neles. Frank. Qualquer movimento em falso...

— Pode deixar, Maxwell. E quanto a vocês, façam o que o homem disse, e nada lhes acontecerá.

A contragosto os dois obedeceram e Maxwell seguiu os passos de Slim. esperando pela reação da jovem, que viria logo a seguir.

Slim aproximou-se da senhorita Anderson e falou:

— Lindos vestidos, não é, garota?

Ela olhou de soslaio o sujeito e fez uma careta de desagrado. Deu um passo à sua direita e voltou a examinar a vitrine.

Slim, porém, voltou a carga.

— Olhe aqui, belezoca, se você for boazinha. posso comprar um desses para você — riu o forasteiro, procurando segurar o braço dela.

A resposta foi imediata: com um rápido safanão livrou-se do intrometido, e com a outra mão deu-lhe um violento tapa no rosto desprotegido.

O bofetão ecoou pela rua silenciosa, fazendo alguns curiosos pararem para ver o que estava acontecendo.

Apanhado de surpresa, o homem retrocedeu uns passos, passando a mão sobre a face atingida. Tá ia revidar com violência, porém uma voz soou do centro da rua:

— Este patife está lhe incomodando, senhorita Anderson?

— Sim, está. Maxwell — respondeu ela, encarando o leão-de-chácara do saloon, um pouco assustada.

Slim voltou-se rapidamente para onde o outro se achava e grunhiu:

— Vá cuidar dos bêbados do seu saloon, intrometido!

— Já cuidei, deles, bastardo! Estão sob a mira de uma escopeta e parece que não vão poder fazer nada para ajudá-lo.

Slim olhou na direção do saloon, mas não viu seus companheiros.

— Não preciso da ajuda de ninguém para cuidar de um tipo imundo como você!

E desceu velozmente a mão para a coronha da arma.

Foi um gesto rápido, porém inútil. E o último que fez em vida.

Quando sua mão tocou o cabo nacarado do .45, ouviu uma explosão e em seguida sentiu o impacto de algo muito quente e doloroso em sua testa. Iniciou em seguida os passos de uma dança macabra e desabou como um fardo na calçada imunda. Um minuto depois, imobilizou-se.

A jovem começou a retroceder até encostar-se no portal da loja, profundamente impressionada com o que vira. Seu belo rosto estava pálido, os dentes trincados, procurando não gritar.

Maxwell guardou o Colt e dirigiu-se para ela:

— Está tudo bem agora, senhorita Anderson. Este miserável nunca mais molestará ninguém. Teve o que merecia.

Ela fez que sim com a cabeça e deixou-se levar pelo rapaz, que abriu a porta da loja e a introduziu em seu interior, fazendo-a sentar-se. Voltou então para a calçada e olhou na direção do saloon. Frank vinha conduzindo os outros dois sob a mira de sua escopeta.

À sua direita, no sentido contrário, o xerife Smart e seu único ajudante, um sujeito barbudo e magro chamado Scott. vinham quase a correr, a

empunhar suas armas.

Maxwell sorriu e esperou pela chegada de ambos. Quando isso sucedeu, o xerife foi logo bradando:

— O que foi que aprontou agora, rapaz?

Sem deixar de sorrir o outro apontou para Frank e seus prisioneiros:

— Um patife a menos sob o sol do Texas, xerife. E tem mais...

A um gesto do leão-de-chácara do saloon, Smart olhou para o trio, os olhos faiscando de raiva:

— O que diabos está acontecendo por aqui, afinal?

Neste momento, a moça saiu do armazém e dirigiu-se à autoridade.

Momentos mais tarde, com tudo já explicado, Smart encarou os dois:

— Quem são?

Os homens se explicaram e um deles, Fleming, indagou:

— E quanto ao corpo do garoto?

O xerife deu de ombros:

— Isso é problema de vocês. Se tiverem algum dinheiro, o velho papa-defuntos cobra cinquenta dólares pelo caixão e a municipalidade um outro tanto para enterrá-lo.

Fleming agachou-se ao lado do corpo e revirou-lhe os bolsos, catando um punhado de dólares.

O xerife interveio:

— Passe este dinheiro para cá, moço. Aqui em Lubbock nós usamos umas certas regras para os arruaceiros que morrem em nossa jurisdição. Os bens encontrados em seus bolsos, no caso, dinheiro, serão da municipalidade, a ser empregado na construção da nova escola primária. Portanto, passe logo esses cobres para cá.

Fleming soltou um palavrão e entregou as cédulas amarrotadas à autoridade. O xerife contou as notas e disse, embolsando-as:

— Setenta e cinco dólares. Nada mau. Agora, se querem um enterro decente para ele, tratem de pagar. Se não, levem esta carniça daqui e sumam imediatamente.

Fleming fez uma careta e sacou de um maço de dólares, separando umas notas, passando-as ao xerife:

— Deem um enterro decente ao rapaz.

— Isto sim — retrucou Smart. — Por mais dez dólares, o pastor Malcom dirá lindas palavras à beira de seu túmulo.

— Para o lugar aonde ele vai, não precisará de orações, xerife — ripostou Burt, que não havia falado.

— Agora, tratem de desaparecer de Lubbock, rapazes. Para sempre, entenderam bem?

Os dois homens deram meia-volta e foram buscar os animais.

Quando sumiram de vista, a galope, levando consigo a montaria do jovem morto, Frank, o barman, soltou uma praga.

— Merda! Esqueci de cobrar a garrafa de uísque que beberam!

Maxwell o consolou:

— Deixa pra lá. Já tiveram o suficiente por hoje.

Após tudo serenar e o carroção do “Rancho Anderson” chegar com o capataz e o vaqueiro, a moça encarou Maxwell:

— Ê a segunda vez que me salva a vida, vaqueiro.

— Foi um prazer, senhorita.

— Por que não aparece lá no rancho domingo, para almoçar?

— Farei isso, senhorita Anderson. Pode ficar certa que irei.

Ela enrubesceu e meu meia-volta, dirigindo-se ao armazém.

— Claro que irei, meu bombom — pensou Maxwell, examinando com verdadeiro prazer a silhueta esguia e agradável da herdeira dos Anderson.

* * *

Burt e Fleming se achavam sob uma árvore a cerca de cinco milhas de Lubbock, assando um naco de carne seca num espeto improvisado, ruminando, a contragosto a raiva em seus peitos.

— Apanhe a garrafa, Burt — grunhiu o mais velho. — Estou com sede.

O outro assim fez, lançando-a ao primeiro, que arrancou a rolha e em seguida tomou um longo gole.

— O que pretende fazer, Fleming? — quis saber, recebendo a garrafa de volta e engolindo também grande parte do seu conteúdo.

Estou pensando. Burt. Estou pensando em algo muito ruim...

— Compreendo... ele não ficará impune, certo?

Fleming sacudiu a cabeça afirmativamente:

— Não. Burt, ele não ficará impune. Ninguém mata um irmão meu e fica vivo para contar a história!

— Nosso irmão, Fleming — ripostou o outro.
— Sim. nosso irmão!

CAPÍTULO TERCEIRO

Tocaia!

Maxwell olhou demoradamente ao redor, notando a solidez da casa.

— É uma construção admirável, senhorita Anderson — disse.

— Todo o alicerce é feito de pedra bruta da montanha, que papai mandou trazer em cima de carroças e lombos de burros.

— Deve ter sido uma trabalheira e tanto.

A moça sorriu, mostrando os dentes brancos e parelhos:

— Ele tinha muito orgulho dela. Infelizmente...

— Sim, é lamentável... A propósito, você havia dito que o capataz... O tal North era um homem de grande confiança de seu pai.

— E era, realmente. Sempre que papai me escrevia, falava da honestidade de Sam North e de sua dedicação ao rancho. Não compreendo porque ele fez aquilo.

— De fato, é difícil de entender.

Os dois entraram na residência e ela o levou até o gabinete do pai.

— Era aqui onde ele trabalhava.

— Muito confortável — murmurou Maxwell aproximando-se de uma parede, onde havia um mapa do município de Lubbock desenhado a bico de pena, onde sobressaía, bem contornado, os limites do rancho.

— Um bocado de terra, sem dúvida alguma. E quanto ao gado?

— Umas cinco mil cabeças de Hereford.

— Muito interessante. Pelo que estou vendo aqui no mapa, existem dois grandes reservatórios e três pastos de boa extensão.

Com o dedo, o rapaz apontou para determinado ponto do mapa:

— O que há de especial nesse tal de arroio seco?

Ela aproximou-se e notou que havia um círculo feito a lápis no local indicado por Maxwell.

— Não sabia disso aí — murmurou.

— Decerto foi seu pai que marcou o mapa, não?

— Sim. deve ter sido ele.

— Por quê? — indagou o rapaz, voltando a examinar o papel.

— Não faço a mínima idéia — respondeu a moça.

— O que há de importante nesse sitio?

— Nada. Absolutamente nada. Fica a uns seis quilômetros daqui, a sudoeste. Como o nome está indicando, é apenas um arroio seco que só serve para alguma coisa, quando há um bom inverno e ele toma água. As terras ao redor são improdutivas e o pasto é ralo, quase nada.

— Isso mesmo, como você pode notar pelo mapa, Maxwell.

— Gostaria de dar uma olhada no local, se for possível.

— Claro que é possível. Mas acho que vai perder seu tempo.

— Podemos sair agora?

— Certo. Stone, o novo capataz está aí fora e poderá nos acompanhar. Mas continuo achando que é pura perda de tempo.

— Sou um sujeito um bocado curioso, senhorita Anderson.

Fia o encarou:

— Por que não me chama de Janet, como todos meus amigos?

— Muito bem... Janet.

Ela sorriu e enrubesceu um pouco. Em seguida deixaram o aposento.

* * *

— E então, Fleming, o que está vendo? — indagou Burt, verificando as balas que ia colocando na câmara do seu rifle.

— Acabaram de montar e parece que se dirigem a um dos pastos. Decerto a moça vai mostrar o rancho ao nosso amigo. Um momento. Bolas! Há mais um personagem em cena. Parece que é um dos vaqueiros do rancho.

Burt apanhou o velho binóculo que o outro estava utilizando e soltou uma sonora praga.

— Vamos ter que liquidar todos eles? — inquiriu.

Fleming deu de ombros:

— Atiraremos somente em Maxwell. Mas se os outros reagirem...

— Comerão também chumbo quente — sorriu o outro, achando a idéia extremamente agradável.

— É isso aí, mano. Vamos segui-los à distância.

Ambos montaram e desceram a encosta onde se encontravam a uns seiscentos metros do trio, a leste.

* * *

— Então este é o tal arroio — murmurou Maxwell, saltando agilmente da montaria, e olhando para o leito pedregoso do riacho, que se estendia por alguns quilômetros, entre as rochas. No momento, estava inteiramente seco, mostrando sua areia escura.

— Isso mesmo — respondeu Stone, o capataz. — Este é um lugar sem nenhuma serventia. Só mato rasteiro, rochas e cobras.

— Hum... Aqui é praticamente um dos limites do rancho — observou com um franzir de testa o leão-de-chácara. — Pode me explicar quem são os outros proprietários de terras?

A moça aproximou-se e apanhou um graveto, desenhando os contornos do arroio. Em seguida informou:

— À esquerda fica o rancho de Thomas Mulligan, um texano que apareceu por estas bandas na época em que papai também demarcava suas terras.

— Prossiga... — pediu Maxwell, interessado.

Bem... as terras dele são também muito boas e férteis. Ele e papai sempre se deram muito bem.

— E a oeste? — perguntou o rapaz.

— Pertencem a Jack Borden, que se dedica à agricultura com bastante êxito. Produz milho e hortaliças. É um tipo simpático e muito querido nos arredores. Ao Sul ficam as terras da municipalidade. Areia e pedras...

— Aqueles montes pedregosos pertencem então ao município, não?

— Isso mesmo. São três grandes elevações de rochas.

— Não há nenhuma estrada por lá? — pros seguiu Maxwell.

— Estrada? Qual nada. Somente areia e pedras. Dizem que há muitos anos atrás, os apaches habitaram a região. Mas os búfalos se mudaram devido a presença do homem branco e eles os acompanharam.

— Hum... Há algo estranho por aqui — murmurou Maxwell, voltando a sua atenção para o leste, onde ficavam as terras de Mulligan.

— O que está achando estranho. Maxwell? — indagou a moça.

— Ainda não sei, Janet..., mas o tempo dirá. Podemos voltar? Gostaria de dar nova olhada no mapa de seu pai.

— Vou apanhar os cavalos — disse Stone. ficando na frente de Maxwell e soltando um grito de dor, quando a bala o alcançou no ombro direito. Só alguns segundos mais tarde eles ouviram o estampido, pois estavam contra o vento.

Maxwell empurrou a moça para umas pedras, enquanto arrastava o capataz para trás de uma rocha. O sibilar das balas .44 dos Sharp pareciam como silvos de cascavéis. Um dos projéteis tocou de leve o braço do jovem e arrancou-lhe um naco de carne.

Ele soltou uma praga e jogou-se com o capataz por trás da rocha e em seguida examinou o ferimento do outro. A bala havia entrado à altura dos músculos do peito do homem e provavelmente se alojara na omoplata ou pulmão. A dor fora tamanha que ele desmaiara, para seu próprio bem.

— Fique onde está e não se mexa, Janet — gritou Maxwell, examinando com uma careta, o ferimento no braço. Não era nada grave, porém doía horrivelmente.

O tiroteio havia cessado assim como começara. Momentos depois, ouviu um tropel que parecia se dirigir para Slaton, a cerca de cem milhas dali.

— Dois cavalos, no máximo — murmurou Maxwell, ficando de pé. — Parece que aqueles dois patifes vieram atrás de vingança.

Em seguida se dirigiu aonde estava a moça, toda encolhida e um pouco pálida, atrás das pedras.

— Tudo em ordem, Janet, os patifes já se foram — disse.

— Você está ferido, Maxwell.

— Apenas um arranhão. Basta um curativo e estarei novo.

— Sabe quem fez isso? — inquiriu ela, intrigada.

— Aposto que sim. Mas eles vão se arrepender do dia em que nasceram, pode ficar certa.

Ambos então foram ao encontro do capataz, que dava os primeiros grunhidos, recobrando a consciência.

* * *

— Você é um bestalhão, Burt! — grunhiu Fleming, quando o capataz caiu com um balaço no ombro.

— Cale essa maldita boca e dispare! — respondeu o outro, movendo com velocidade a alavanca do rifle. — Se atira melhor, procure acabar logo de uma vez com Maxwell.

Fleming fez mais alguns disparos e nem percebeu que acertara o braço do rapaz. Soltou uma praga:

— Merda! Agora eles conseguiram abrigo.

Burt olhou para o irmão e inquiriu:

— O que vamos fazer? Esperar que saiam das pedras?

— Hum... não, é muito perigoso. Alguém pode ter ouvido os disparos e alertado o pessoal do rancho da garota.

— Caímos fora, então? — prosseguiu Burt.

— Acho que é o mais sensato — ripostou Fleming, correndo para onde se encontrava seu animal. O outro o imitou, pulando para a sela.

E sumiram numa nuvem de poeira.

* * *

Era uma cabana feita de troncos, maltratada pelo tempo, entre poucas árvores, fora de qualquer rota retangular de diligência, situada entre o deserto de Slaton. Havia um poço à frente da mesma e um fio de fumaça escura se desprendia da chaminé, indicando que ali havia vida.

Burt e Fleming sorriram, ao avistá-la.

— Estamos com sorte, Burt — disse o mais velho. — Onde há fumaça, há fogo.

— E onde há fogo, deve haver comida — riu o outro.

Os dois se dirigiram para lá, as montanhas esfalfadas, os cantis sem uma gota de água. O sol inclemente a arder nos olhos.

Quando sofrearam os cavalos, a porta da cabana foi aberta e dela saiu um velhote mirrado, de longas barbas, apoiado numa bengala.

— Estão perdidos, amigos? — indagou ele.

Os homens saltaram e Fleming fez que sim, com um gesto de cabeça, ao olhar ao redor.

— Vive só aqui, vovô? — quis saber Fleming.

— Não... Tenho um amigo, um sujeito tão louco como eu, que há trinta anos procura ouro nas montanhas. Ele foi a Slaton, buscar mantimentos.

— Ouro? Nunca ouvi dizer que houvesse ouro na Double Montain.

O velho sorriu, mostrando os dentes estragados:

— A gente sempre consegue arrancar alguma coisa do ventre das velhas rochas. Mas vamos, deem de beber aos animais e em seguida entrem.

— Há alguma coisa para comer? — quis saber Burt, passando a língua a cada momento nos lábios ressequidos.

— Por acaso têm dinheiro para pagar o feijão e a carne seca? — disse o homem, examinando-os atentamente. — Neste fim de mundo, nada é de graça e a vida é um bocado dura.

— Mostre-lhe o dinheiro, Burt — sorriu o mais velho, piscando intencionalmente para o irmão, que logo compreendeu o gesto.

Burt desceu a mão velozmente para o coldre e retirou o .45, disparando contra o velho, que soltou um grito, ao ser atingido entre os olhos. O seu corpo estrebuchou durante alguns momentos sobre o chão quente e duro, para por fim, imobilizar-se.

— Vai garimpar ouro agora- no inferno, velhote — riu Fleming, saltando por cima do corpo inerte, entrando na cabana desconjuntada. Burt olhou para sua vítima sem nenhuma emoção e acompanhou o irmão.

Minutos mais tarde, os dois assavam um pedaço de carne no velhíssimo e antiquado fogão, enquanto tomavam goles numa garrafa de uísque que haviam encontrado.

* * *

Willcox sofreou a montaria defronte a cabana, notando que um sujeito gorducho e velhote aparecia, com uma espingarda de dois canos.

— Hei! Cuidado com esse canhão, vovô! — disse ele, preocupado.

— Vá descendo, estranho, com as mãos levantadas — ripostou o gordo.

— Isto é maneira de recepcionar alguém? — prosseguiu o rapaz, procurando dar à voz um tom despreocupado. — Só desejo um pouco de água e algumas informações.

— Quem é você? — inquiriu o velho, sem se perturbar. — De onde vem?

— Meu nome é Willcox e venho de Lubbock, caçando dois patifes.

— É algum xerife, por acaso? — continuou o outro.

— Não. não sou nenhum xerife. Mas acontece que esses sujeitos que eu ando procurando, já causaram bastante encrenca e quase me mataram em uma tocaia. Aliás, eram três. Um deles está morando definitivamente no imundo cemitério de Lubbock.

— Como posso ter certeza de que está falando a verdade, forasteiro?

O vaqueiro deu de ombros:

— Não. não pode, vovô.

O velho pensou um pouco e baixou a guarda. Foi nesse momento, sem um só aviso, sem que ele se desse conta, que Willcox sacou bem rápido. apontando para sua cabeça.

Você estaria morto, velho, se eu assim o desejasse.

O outro assentiu, meio trémulo:

— É verdade, estranho.

Algumas horas mais tarde, Willcox sabia que o morto se chamava Natan Flinn e que ele era conhecido pela alcunha de “Fat” (gordo) Albert.

Após comerem, o velhote anunciou:

— Vou com você a Slaton, Willcox.

— Tem certeza de que é isso mesmo que deseja. “Fat”?

— Sim... — ele suspirou.

— Compreendo... deve ser muito difícil para você viver sozinho aqui, após a morte de seu velho amigo.

— É verdade... tenho algumas economias no banco de Slaton e consegui juntar uns poucos milhares de dólares.

— Tem algum parente vivo, por acaso?

— Sim... um primo que mora em San Angelo. Sei que ele gostará de dividir comigo uma parte de seus aposentos. Afinal, não lhe serei nenhum... peso morto, digamos assim, já que possuo meu próprio dinheiro.

— É, acho que está com a razão, amigo. E quanto à cabana?

“Fat” suspirou e deu de ombros:

— Vamos deixá-la como está. Talvez algum maluco possa ocupá-la.

— A propósito...

— O que c? — quis saber o garimpeiro.

— Seu amigo não tinha parentes?

— Não, nenhum.

— Compreendo. Muito bem, vamos arrumar seus tarecos. Partiremos logo em seguida, antes que escureça.

O outro assentiu, com um aceno.

À tardinha, os dois deixaram o lugar, acompanhados pelas duas mulas que iam carregadas de quinquilharias.

CAPITULO QUARTO

Ajuste de contas

O juiz Calvert olhou atentamente para o xerife Smart e falou:

— Acha mesmo que aqueles dois darão cabo de Maxwell?

— Pode ficar certo que sim. Segundo informações que me chegaram hoje pelo telégrafo de Silverton, os três eram irmãos. Ora, após a morte daquele que era o mais novo, os dois resolveram tramar uma vingança. Procure lembrar-se e veja que quase conseguiram seu intento.

— Hum... tem razão. Feriram superficialmente Willcox e o capataz Stone, da senhorita Anderson, com certa gravidade. A propósito, não atino o porquê dessa sua cisma para com esse vaqueiro, Smart.

— Sabe, juiz, após tantos anos como xerife, a gente fica meio de sobreaviso com estranhos que manejam as armas tão bem.

— Sei... mesmo assim...

— Lembra-se que North, antes de ser enforcado. pediu-me para que enviasse uma carta?

— Não... você não me falou nada a respeito — respondeu Calvert. agora meio preocupado. — Você acha que...

— Sim. pode haver alguma relação entre esse tal Willcox e a carta.

— Raios! Por que você teve que enviar a maldita carta?

— Sei lá! Um pouco de remorso, talvez.

O magistrado soltou uma sonora gargalhada que ecoou pelo confortável gabinete.

— Remorso! Não seja cretino. Smart! Isso não conta.

— Bem, mas voltando ao assunto, andei procurando saber de onde o vaqueiro surgiu, mas ninguém em Lubbock sabe ao certo. Talvez apenas a moça saiba com exatidão.

— Refere-se à senhorita Anderson? — inquiriu o juiz.

— Fia mesma. Fez grande amizade com Maxwell.

— E quanto a Geórgia, a dona do saloon?

— Também não sabe de nada. Aliás ela só sabe mesmo é que o tal Maxwell é bom na cama. Para ela. isso basta.

— Hum... Para onde foi enviada a carta, Smart?

— Sonora, disso tenho certeza.

— E o nome do destinatário?

— Não consigo lembrar-me.

Calvert soltou um suspiro:

— Vamos deixar o caso como está. xerife. A propósito, acho que antes desse tal Maxwell regressar, se é que vai regressar, vou fazer uma visita à senhorita Anderson.

— Vai sondá-la, por acaso?

— Sim, vamos ver se ela quer nos vender aquela terra imprestável.

— E caso não queira? — prosseguiu o xerife.

— Seria deveras lamentável, pois poderia sofrer um acidente fatal...

Smart sorriu:

— Você é diabólico, juiz!

O outro assentiu e acendeu um charuto fino, dando a entrevista com o xerife por acabada.

* * *

O barman ouviu a descrição dos homens e fez um aceno afirmativo para Maxwell, apontando com o polegar para uma porta:

— São eles mesmo, amigo. Estão enfurnados desde a manhã num interminável jogo de cartas. Os outros dois são rancheiros da terra.

Maxwell sorriu e agradeceu, dizendo:

— São nossos amigos e vamos fazer-lhes uma surpresa. Não é isso mesmo, “Fat”? — piscou o rapaz.

O velhote fez um aceno com a cabeça e apertou a sua velha espingarda .12 de dois canos.

O barman do único saloon de Slaton olhou para o garimpeiro, parecendo reconhecê-lo, mas não disse nada.

Os dois homens deram meia-volta e se dirigiram para a porta indicada pelo encarregado do bar.

* * *

Fleming mastigou a ponta do charuto e examinou mais uma vez as suas cartas, examinando as feições dos outros.

— E então, o que dizem de cem dólares, para começar? — indagou.

Seu irmão Burt jogou as cartas viradas sobre a mesa, retrucando:

— Desta vez eu passo.

— E quanto aos amigos? — prosseguiu ele.

Dm dos rancheiros, um homem gordo chamado Peck, separou algumas notas amarrotadas e lançou-as sobre a mesa:

— E quanto a você, Don Ramirez? — indagou Fleming.

O outro rancheiro, um mexicano alto e magro. riu baixinho:

— Seus cem e mais quinhentos, parceiro.

Fleming franziu a testa e ia dizer algo, quando a porta se abriu com violência e Maxwell e “Fat” entraram.

— Muito bem. canalhas, tratem de se defender! — grunhiu Maxwell, notando a expressão de surpresa nos rostos dos quatro homens sentados.

Mas isso durou apenas um momento. De um salto, Fleming procurou jogar-se para trás, enquanto tentava sacar o .45.

Já Burt, mais jovem e também mais ágil, tratou de empurrar a mesa de sua frente, enquanto rolava para o chão de madeira, também buscando a sua arma.

Só que Maxwell e o velho “Fat” foram muito mais rápidos.

O vaqueiro apertou o gatilho duas vezes, atingindo Fleming no peito, sem demonstrar a menor emoção. O homem tentou levantar-se, ficou ajoelhado olhando abobalhadamente para o oponente. enquanto os dois furos enormes em seu peito esquerdo pareciam uma cachoeira vermelha. Sem emitir sequer um único grito, ele desabou. ficando imóvel.

Burt também não teve melhor sorte.

Quando ele rolou para o chão, tentando sacar o Colt, a velha carabina Winchester de dois canos de “Fat” rugiu como um canhão, despejando uma carga mortífera de centenas de grãos de chumbo escaldante, esfacelando-lhe a cabeça em mil pedaços, lançando seus miolos contra a parede mais próxima, num espetáculo horripilante.

Maxwell olhou para os dois rancheiros, trêmulos £ mudos.

— Da próxima vez, procurem melhores parceiros para jogar, senhores!

A nuvem de fumaça da pólvora foi-se dissipando pela janela aberta, e o velhote e gordo garimpeiro exclamou:

— Eu devia isso ao meu velho amigo Flinn, garoto.
— Certo, velho. Ele está perfeitamente vingado.
— E agora, o que faremos? — prosseguiu o velho.
— Esperar, velho. Esperar que o xerife e sua comitiva cheguem.
E não precisaram esperar muito.

* * *

O juiz aceitou o licor e o provou como um conhecedor. Estalou a língua com satisfação e exclamou:

— Um dos melhores que já provei, senhorita Anderson. Francês, não?

A moça assentiu com um sorriso:

— Vejo que é bom conhecedor de bebidas, juiz.

— Na minha juventude fui, digamos assim, um frequentador da sociedade de Dallas, senhorita. Acostumei-me então a apreciar os bons vinhos e distinguir os mesmos.

— A propósito, juiz, posso saber o porquê de sua visita?

— Na realidade, eu fiz uma visita ao velho Mulligan, seu vizinho do leste e aproveitei para vir até aqui saber da saúde do seu capataz e também sobre o vaqueiro... Willcox, se não me falha a memória.

— Stone está se recuperando muito bem — respondeu a moça, bebericando o licor. — E quanto a Wilcox, não tive mais notícias suas.

— Acho que foi uma temeridade ele sair em perseguição àquela dupla.

Ela soltou um suspiro:

— Bem que tentei dissuadí-lo, porém foi inútil. É um cabeça dura, eu acho. Mas já é bem crescido e sabe tomar conta de si próprio.

— Tem razão... Vejo que tem um belo mapa do seu rancho — disse o juiz, aproximando-se da parede. — Ah! Então você demarcou o lugar onde tentaram matá-los.

— Não — disse ela. depositando o cálice sobre a mesa. — Quando voltei, após a morte de papai, esse círculo feito a lápis sobre este pequeno pedaço de terra imprestável já se encontrava. Deve ter sido papai...

— Hum... Deve ter lido um bom motivo.
— Sim. claro. Só que para mim, continua sendo um mistério.
— A senhorita está mesmo disposta a continuar tocando o rancho?
— Naturalmente — estranhou ela. — Papai gostaria que assim fosse.

O juiz pareceu um pouco desconcertado.

— Bem... é que pensei que você, já acostumada com o conforto do leste, talvez desejasse vender o rancho e voltar para lá.

— Não, juiz, meu lugar é aqui mesmo.

— Compreendo...

— Aliás, pretendo aumentar o gado e fazer outras benfeitorias na minha propriedade. A propósito, sabia que Willcox vem trabalhar comigo, juiz? Ele tem ideias muito interessantes sobre como melhorar o rancho.

— Se ele regressar... — pensou o juiz, desejando que o vaqueiro já não se encontrasse entre os vivos. Mas ao invés, ele disse:

— Fez uma excelente aquisição, senhorita. Pelo menos. valente ele é.

— Sim, um bocado corajoso — respondeu ela. sorrindo.

* * *

Dois dias depois, numa quente e ensolarada tarde. Maxwell e “Fat” se apearam diante do saloon de Geórgia, ambos muito empoeirados.

— Então isto é que é Lubbock — disse o velho, examinando ao redor. — Talvez seja um pouco maior do que Slaton.

— Sim, é bem maior — respondeu o rapaz, empurrando-o para dentro, ao verificar que o xerife deixara seu escritório e caminhava para eles, sempre acompanhado de seu ajudante. Scott.

A proprietária do saloon os recebeu alegremente:

— Então? Fez o que devia ter feito, Maxwell?

O rapaz assentiu e apresentou “Fat” Albert.

— Este velho maluco desistiu de ir morar em San Angelo com um parente, preferindo mudar- se para cá.

Em seguida, relatou toda a história.

Teve que a repetir novamente para o xerife e seu auxiliar que se interessaram em saber do resultado da caçada.

Finalmente, quando terminou, Smart indagou:

— É verdade que vai trabalhar com a senhorita Anderson?

— Sim, recebi uma oferta de emprego da senhorita Anderson e aceitei. Ela deseja que eu seja uma espécie de consultor do rancho, sobre assuntos que praticamente desconhece, como gado, por exemplo.

— E eu serei o consultor do rancho sobre mineralogia — riu o velho e alegre “Fat”, tomando um gole do uísque à sua frente. — Se houver ouro ou qualquer outro tipo de minério por aqui, eu o acharei.

Quem não gostou nada da conversa, foi a dona do saloon.

— Eu tinha muitas ideias a nosso respeito, Maxwell — disse.

— Lamento muito, Geórgia, mas nem tudo sai como nós queremos.

Ela fez um muxoxo e deixou o salão, amuada.

Maldonado. o crupiê, deu uma risada:

— Ela se consolará nos braços do primeiro vaqueiro que aparecer, pode ter certeza, Maxwell.

O rapaz sorriu e assentiu, enquanto o xerife franziu o cenho, achando que o juiz Calvert não iria gostar nada da história.

Ali perto, “Fat” continuava a bebericar seu wísque, satisfeito.

* * *

Era noite alta, mas no escritório do juiz Calvert, nos altos do belo sobrado que mandara construir na rua principal de Lubbock, havia luz. Dois homens conversavam em voz baixa, enquanto bebiam uísque.

— Muito bem... Quer dizer que então nosso amigo voltou. Smart.

O xerife assentiu, pousando o copo sobre o lampo da mesa:

— Sim, e conseguiu liquidar os dois irmãos, com o auxílio do velhote garimpeiro.

— Hum... Isso significa que teremos que apressar nossos planos — retrucou o magistrado, retirando um fino charuto de uma caixa. — Tem alguma coisa em mente, por acaso?

— Sim, tenho. Já ouviu falar em Gilbert Black?

— O pistoleiro? — inquiriu o juiz. franzindo o cenho.

— Ele mesmo. Um dos homens mais rápidos que já apareceram no Texas.

— E também sem escrúpulos... — sorriu o juiz.

— Inteiramente sem escrúpulos, juiz. Capaz de matar a própria mãe... por um bom punhado de dólares.

— Compreendo... Sabe onde ele se encontra, por acaso?

— Por acaso, sei onde ele se encontra. Em lovelland, na casa de certos parentes, tirando umas “férias”. Sabe. juiz, ele não é procurado por estas

bandas. Seus assuntos sempre foram para além do Rio Branco, até perto da fronteira com o Oklahoma.

— Você está bem informado a respeito dele. Smart.

— Sim... Há cerca de uns dez anos atrás, fiz-lhe um favor.

— Há alguma maneira de você se comunicar :om ele, xerife?

— Sim. há uma maneira. Através de um parente dele, um tal de Gibson, que possui um pequeno rancho.

— Por quanto acha que ele aceitará o trabalho? — inquiriu o juiz.

— Para liquidar Willcox? Uns três mil dólares, eu acho.

— É um bocado de dinheiro, North. Por três mil, ele também faria desaparecer a jovem Anderson? Se estivesse disposto a aceitar a empreitada, eu entraria tranquilamente com o dinheiro.

— Por mim, ele fará isso — retrucou o xerife, sorridente.

— A propósito, qual é a aparência dele?

— O juiz, Gilbert Black se parece com tudo, menos com um assassino de profissão. Eu diria que ele tem o jeito de um alto comerciante, quando as circunstâncias assim exigem. Ou um banqueiro. Talvez um clérigo.

— Ótimo, Smart. Como ele age?

— É um sujeito inteiramente imprevisível. Pode demorar um dia ou uma semana para liquidar um sujeito. Tudo depende da ocasião.

— Um verdadeiro profissional, não é verdade? — inquiriu o juiz.

— No sentido correto da palavra, Calvert.

— Ótimo. Espero realmente que funcione, senão...

— Senão o quê, juiz? — inquiriu Smart, deveras intrigado.

— Senão, um belo dia aparece por aqui um grupo de engenheiros da estrada de ferro e bota tudo a perder — respondeu o juiz, preocupado. — Não seria nada bom se isso acontecesse, Smart.

— Tem razão, juiz, não seria nada bom.

— Portanto, mande logo esse maldito dinheiro para o pistoleiro.

— Só vou mandar a metade, juiz. O resto, só quando terminar o “empacotamento” dos dois.

— Sim, faça isso. É uma boa idéia. Assim ele ficará mais interessado e procurará terminar tudo rapidamente.

Smart olhou para o relógio de parede e disse.

— Já está ficando tarde, juiz. Vou tratar de tudo isso ainda hoje, e amanhã o envelope estará seguindo na diligência que passa por Lovel- land.

O velho e inescrupuloso magistrado assentiu, voltou a bebericar calmamente seu uísque, porém com uma ponta de preocupação no semblante austero.

* * *

Mel Gibson. desceu do cavalo, com a carta na mão. Olhou ao redor, um tanto preocupado e gritou:

— Primo, chegou uma correspondência para você.

Um homem alto, meio gordo, quase inteiramente calvo, de olhar simpático, beirando os quarenta anos, abriu a porta da cabana tosca e recolheu o envelope pardo.

— Hum... veio de Lubbock, do meu velho amigo Smart. xerife de lá. Se o conheço bem, deve estar me propondo algum “trabalhinho” sujo — riu baixinho, abrindo a carta.

Ele sorriu ao retirar um maço de cédulas.

— Mil e quinhentos dólares — assoviou.

Leu vagarosamente a carta e riu:

— Bem como imaginei...

— O que diabos ele está querendo? — inquiriu Gibson. interessado.

— Quer que eu “despache” um certo casal que o está incomodando, caro primo. Mandou-me mil e quinhentos dólares adiantados. No final do “servicinho”, me pagará outro tanto.

— Não acha um tanto arriscado, Black? — indagou o primo. — Afinal, as suas verdadeiras aptidões são desconhecidas nesta região.

— É um bocado de dinheiro, primo. E eu estou sem nenhum — respondeu. — Por outro lado, ninguém me conhece por aqui, de forma que posso agir de maneira calma, sem despertar qualquer suspeita.

— Quer dizer então que vai aceitar a empreitada?

— Sim, primo, vou. Afinal, são três mil dólares.

— Black, você não toma jeito.

O pistoleiro riu:

— Não, primo, não tomo jeito. Eu dou um “jeito” nas pessoas.

E encaminhou-se para o interior da cabana, sem perder o sorriso.

CAPITULO QUINTO

Um estranho pistoleiro

— Não, dona, naquele pedaço de terra não existe um grama de prata ou ouro, ou, seja lá o que for.

— Tem certeza disso. “Hat”? — indagou a moça, olhando para o gordo. — Não está enganado, por acaso?

O velhote deu uma risadinha gutural e ripostou:

— Hei! Quando se garimpa durante trinta anos, se conhece ouro e prata só pelo cheiro.

— Sim. tem razão... Então, não estou entendendo mais nada.

Maxwell, que estivera calado, sentado ali perto, na sala-de-estar da sede do rancho, disse:

— Você não acha que está se preocupando demais com esse tal arroio?

— Não sei ao certo. Maxwell..., mas aquele círculo feito a lápis sobre o mapa no escritório de papai, não me sai da cabeça.

— Pois se você ainda pensa em ouro ou prata, é melhor esquecer — falou o garimpeiro. — Ali não tem absolutamente nada.

— Você acha que há algum relacionamento entre o tal arroio e a morte de seu pai, Janet? — prosseguiu Maxwell.

Ela soltou um longo suspiro:

— Não faço a mínima idéia. Só acho estranho que North, um velho amigo de meu pai e capataz do rancho há tanto tempo fizesse aquilo.

— Pelo que pude apurar, todos os indícios eram contra North, Janet. Além do mais, existem testemunhas oculares do crime.

— Eu não diria oculares, Maxwell. Ninguém o viu disparando a arma.

— Mas o viram com o revólver na mão — ponderou o rapaz.

— Sei, mas há sempre a dúvida...

— Você parece que o conhecia bem, Janet.

— Desde criança. Sempre me pareceu um homem bom e confiável.

— Compreendo — havia um ligeiro traço de emoção na voz de Maxwell. — Mas agora, não há mais jeito. Foi condenado e executado.

— Sei... Outra coisa: está mesmo disposto a ir às montanhas, “Fat”? — indagou ela, virando-se para o velhote.

— Claro. Não sei ficar sentado sobre meu traseiro, moça. Amanhã mesmo vou dar uma espiada na Double Mountain. Ela me parece promissora.

A jovem sorriu:

— Nunca soube que houvesse ouro por acolá.

— Talvez sim, talvez não. Mas por via das dúvidas, vou dar uma espiada — piscou o velho, com um sorriso maroto. — Gosto da solidão.

— Pretende se demorar por lá, “Fat”?

— Uma semana, talvez. Mas não se preocupem com o velho. Tenho o sangue contaminado pelo vírus do ouro. E se arranjar algo, melhor para os meus pobres bolsos. Se não, estarei alimentando meus sonhos.

— Se não aparecer dentro de dez dias, irei procurá-lo, velho — falou Maxwell.

— Não seja besta, garoto. Você ainda estava nos cueiros e eu já corria mundo atrás do vil metal — riu “Fat”, despedindo-se.

Ela então virou-se para o rapaz:

— Já tem alguma idéia sobre como melhorar o rebanho, Maxwell?

— Sim, acho que sim. Mas preciso de mais alguns dias, para conhecer melhor os pastos.

— Não se preocupe, patroa, dentro em breve você estará de posse do meu relatório.

Ela riu do comentário e retrucou:

— Pois trate de fazer isso. vaqueiro, para merecer o que ganha.

Willcox sorriu e ela enrubesceu imediatamente.

* * *

Gilbert Black olhou demoradamente para a fogueira a cerca de uns duzentos metros de onde se encontrava e sorriu. Sim, era uma ajuda caída do céu, ou do inferno. Encaminhou-se a ela a passo de seu animal e verificou que apenas uma pessoa estava sentada próxima, ao lado de um carroção.

Era um homem já meio velhusco, que ao ouvir o ruído dos cascos, tratou de ficar de pé, empunhando um rifle.

Black aproximou-se, armando seu melhor sorriso.
O homem engatilhou a arma e disse:
— Aproxime-se, estranho.
O pistoleiro assim o fez, saltando da montaria.
— Pode abaixar a artilharia, amigo. Sou de paz.
O outro o observou, notando seu sorriso bonachão.
— Não é muito tarde da noite para cavalgar, antigo? — indagou, sem se importar com o que o outro dissera, continuando a segurar a arma.

— Sou o doutor James Black, advogado, e dirijo-me à Lubbock. Preciso me encontrar amanhã cedo na cidade, para conversar coro uni cliente. Ao que tudo indica, o amigo está indo naquela direção, pois não?

Notando a figura pacata do recém-chegado, as boas roupas e a maneira educada de falar, o dono do carroção baixou a arma. dizendo:

— Aproxime-se, doutor, e venha retirar a poeira da goela com um café bem quente feito na hora.

Black agradeceu e amarrou seu cavalo a uma das rodas do veículo, retirando o chapéu e passando sobre a calva incipiente um lenço perfumado.

— Deus, você não sabe como foi bom tê-lo encontrado.

— Imagino — disse o homem, passando-lhe uma caneca com a infusão bem quente. — Sente-se ao lado da fogueira, enquanto asso um pedaço de búfalo salgado para nós.

Black assentiu, sentando-se pesadamente, começando a bebericar o seu café. Pelo visto, o sujeito era do tipo boquirroto, gostava de companhia. E isso era muito bom para ele.

Enquanto o homem assava a carne. Black o ficou sondando.

— Então o antigo é um mascate...

— Certo. Meu nome é Morgan. Julien Morgan. Ando por aí vendendo panelas, remédios e unguentos indígenas. Às vezes, faísco também algum ouro ou prata. E assim vou levando a vida.

— Compreendo... Vem sempre por esta região, amigo?

— Não, é a primeira vez. Eu me encontrava em Olton e resolvi, a conselho de alguns moradores, visitar Lubbock, Rains e em seguida, prosseguir até o Novo México.

— Entendo — murmurou Black, cada vez mais animado com sua sorte.

— Hum, parece que a carne está pronta.

— Sim. acho que sim — respondeu Black, ficando de pé. — Parece que o antigo já me deu todas as informações de que necessitava.

Com uma rapidez impressionante, sacou do Colt e apontou para a cabeça do outro, que apenas assustou-se, porém não teve tempo de reagir.

E Black enfiou-lhe um projétil .43 no centro da testa.

Após guardar a arma, olhou friamente para o corpo caído e murmurou:

— Amanhã você terá uma bela sepultura cristã, amigo Julien Morgan.

Em seguida, sentou-se calmamente ao lado da fogueira e despejando mais um pouco de café na velha caneca de alumínio, retirou a carne do espeto de madeira e ficou a mastigá-la, com visível prazer.

* * *

O xerife Smart olhou demoradamente para o estranho carroção que lentamente entrava pela rua principal de Lubbock, atraindo a atenção de centenas de pessoas, graças ao ruído infernal que fazia, com suas dezenas de panelas de todos os tipos e tamanhos a chocoalhar.

— Que diabos está... — não terminou porem a frase, identificando logo o condutor do veículo, com um rápido sorriso.

O veículo parou diante do xerifado, sempre acompanhado de curiosos.

Black saltou da boleia, enxugou a testa e olhou para Smart.

— Presumo que seja o xerife desta simpática comunidade.

— Presumiu certo, estranho. Denis Smart é o meu nome.

— Ah! E o meu é Julien Morgan, xerife, o mago das panelas e linimentos índios, raros remédios de raízes do Oklahoma. Uma solução para o mais intrincado problema e piscou dissimuladamente para o xerife.

— Espero que laça bons negócios por aqui. senhor Morgan. Hum... nossa cidade estava mesmo precisando de alguma diversão. A propósito. cobramos uma módica taxa de dez dólares por dia para comercializar seus produtos.

— Dez dólares, xerife? Não me parece nada módica sua taxa.

— Li a lei, meu caro senhor.

— Hum... muito bem. Vamos então respeitar a lei. Outra coisa: gostaria que me indicasse os ranchos da região para que pudesse visitá-los. Se é que também não cobra nenhuma módica laxa sobre a informação.

Os presentes caíram na risada.

— Não, não cobramos nada. As informações são grátis. Se quiser anotar uma lista, venha ao meu escritório.

Já no interior do escritório do xerife, Black indagou com um gesto:

— Estamos a sós, xerife?

— Inteiramente, senhor Morgan respondeu o homem, com um sorriso. — Parece que você arranjou um disfarce perfeito.

— Tive sorte. Encontrei um velho mascate pelo caminho — explicou com um sorriso cínico o pistoleiro.

— E onde está tal mascate? — inquiriu Smart.

O outro deu de ombros, como se nada daquilo importasse muito.

— Debaixo da terra, comendo capim pela raiz, num local onde será impossível achá-lo, a uns vinte quilômetros daqui. A propósito, faça-me uma lista dos rancheiros e nomes das respectivas esposas. Tudo deve parecer o mais natural possível.

Smart assim o fez, escrevendo nomes num pedaço de papel. Quando terminou, indagou:

— Vai mesmo visitar esse pessoal?

— Claro. Gosto de fazer as coisas à minha maneira. A propósito, caro xerife, quero que remeta os meus mil e quinhentos dólares para este endereço — disse ele extraindo um cartão do interior do paletó —, pois em seguida ao “trabalho”, vou tratar de sumir imediatamente. E veja lá se não vai esquecer de mandar o dinheiro.

— Não se preocupe. Black. Faça a sua parte que eu farei a minha.

— E quanto a seu sócio, xerife?

— Sócio? Que sócio, Black? — mentiu Smart. desconcertado.

— E quanto a seu sócio, xerife?

— Como já disse, faça apenas sua parte e receberá seu dinheiro.

— Posso saber por quê deseja liquidar o casal?

— Ora bolas, Black, cuide apenas de sua parte!

— Está bem, homem, não se zangue — sorriu o pistoleiro. — Trate logo de me dar uma descrição completa do casal, que eu não vou precisar de mais do que uns dois ou três dias para liquidar o assunto.

— Hum... Você está me parecendo um bocado apressado, Black.

— Possuo uns certos assuntos que envolvem cinquenta mil dólares para resolver, em Silverton, antes do fim do mês.

— Posso saber do que se trata, Black? — perguntou o xerife.

O pistoleiro fechou a cara:
— Como você mesmo disse, Smart, não é de sua conta.
Foi a vez do xerife sorrir.
Em seguida, começaram a conversar em voz baixa.

CAPITULO SEXTO

Ouro. panelas e chumbo quente

"Fat" Albert se encontrava na Double Mountain há cinco dias e gostava do que estava fazendo. aliás a única coisa que sabia fazer: garimpar e vagar ao léu, sem rumo certo, acompanhando os pequenos cursos dos riachos, fá percorrera uns três, quando por fim alcançou um córrego sinuoso, que serpenteava entre pedras, indo desaguar em uma pequena cachoeira frígida, no alto da montanha.

Alguma coisa o atraía naquele lugar desolado, longe de tudo, entre o copado alto das árvores, a água cantando nas pedras roliças. Despejou outra vez parte da areia do fundo do riacho na margem e automaticamente, os seus olhos se baixaram até a bateia e começou a passar a mão, examinando, com os olhos acostumados, o que ficara no fundo.

De repente, algo brilhou na areia grossa. Um brilho rápido, fugaz.

Ele prendeu a respiração e levantou a gamela de madeira até aos cansados olhos, sem acreditar I no que via: alguns pontos dourados sobressaíam por entre a areia.

Inteiramente boquiaberto, retirou um dos grãos amarelados e o colocou contra a luz do sol. Houve uma faiscação súbita daquele pequeno ponto de matéria amarelada. Ele então balbuciou, ainda incrédulo:

— Bom Deus... Bom Deus. isto é ouro!

Caminhou para a margem do riacho e retirou uma longa pinça do bolso, iniciando a cata dos minúsculos pedacinhos, ajudado por uma velha lupa que fora de seu amigo Flinn. Quando o dia ia morrendo, já tinha cerca de duzentos gramas de ouro num saquinho de pele de gamo.

Sentou-se então pesadamente ao lado da barraca de lona que armara em um local alto, acariciou o saquinho, murmurando para si próprio:

— Sim. agora parece que finalmente vou ficar rico. E infelizmente... você não está vivo para compartilhar comigo disso, meu velho amigo.

E com um suspiro, ficou novamente de pé, saindo em busca de gravetos para fazer urna fogueira.

* * *

Black passou os dois dias seguintes à sua chegada visitando os ranchos próximos, vendendo panelas e procurando conhecer melhor o terreno. À noite, dormia fora da cidade, no carroção, evitando ser visto por pessoas curiosas, pois alguém poderia reconhecê-lo.

Naquela noite, porém, resolveu tomar uns drinques no saloon de Geórgia, já meio tarde, quando o local não estivesse muito frequentado.

Ele deixou o veículo fora da cidade e montou em seu animal, dirigindo-se à cidade. Como previra, o saloon estava praticamente vazio. Somente uns vaqueiros bebericavam, recostados ao balcão, enquanto um homem magro, de olhar mortiço, jogava paciência numa mesa no fundo da sala.

Maldonado levantou os olhos das cartas e olhou para o recém-chegado, com alguma curiosidade. De repente, sentiu um terrível frio na espinha, e seu rosto magro contraiu-se numa careta, ao reconhecê-lo.

— Deus do Céu, é Gilbert Black, o pistoleiro — pensou, voltando a olhar para as cartas espalhadas sobre a mesa. — O que será que esse miserável está procurando em Lubbock?

Black recebeu a garrafa, o copo do barman e sentou-se numa mesa bem próxima a de Maldonado, e começou a beber com visível prazer. Examinou o salão com olhos de conhecedor e concluiu que era um dos piores que já conhecera. Sorriu para si mesmo, achando tudo aquilo muito engraçado. Viera para cumprir um “contrato”. liquidar duas pessoas, e acabara por faturar um dinheiro extra, vendendo panelas e elixir. Retirou um charuto comprido e preto do bolso do casaco e o acendeu, olhando por acaso para a sua direita. Seus olhos experientes e frios se encontraram com os de Maldonado, que desviou imediatamente a vista, voltando a se concentrar no baralho.

Black teve um leve sobressalto e uma luzinha de alerta piscou no fundo do seu cérebro. Aquele sujeito o havia reconhecido, tinha certeza disso.

Ele soltou uma praga baixinho e levantou-se com o copo e a garrafa.

Quem teve um susto maior, foi Maldonado, imaginando que Black talvez viesse em sua direção. Soltou um profundo suspiro de alívio, quando notou que o pistoleiro se dirigia ao barman, pagava a garrafa e saía com o restante dela bem arrolhada, sob o braço, deixando o local. O crupiê

verificou que suas mãos ainda continuavam trémulas, porém sua respiração voltava aos poucos ao normal. E lembrou-se de onde conhecera Gilbert Black, um implacável pistoleiro de aluguel, homem de pontaria infalível. Fora lá... cinco ou seis anos atrás, em Vernon, já na fronteira com Oklahoma.

* * *

O homem que entrou na úmida e suja taberna em Vernon, retirou a capa de chuva e a jogou sobre uma cadeira. Joe Maldonado, o dono daquele miserável ponto de venda, o examinou atentamente, sorrindo e esfregando as mãos, já que aquele era um cliente, coisa rara por ali.

— O que vai tomar, forasteiro? — indagou, mostrando a raquítica prateleira, onde apenas algumas garrafas empoeiradas se perfilavam.

— A diligência que vem de Bowie passa por aqui a que horas? — falou o homem alto e corpulento, segurando uma escopeta reluzente de dois canos serrados, enquanto que com a outra mão, apontava para uma garrafa de aspecto sujo, onde um rótulo dizia conter uísque de milho.

Maldonado deu de ombros, enquanto respondia:

— Nunca se sabe ao certo, amigo. Talvez ela passe por aqui hoje, mas também pode atrasar, e só chegar amanhã... ou depois de amanhã.

O homem recebeu a garrafa, o copo, experimentou a bebida e grunhiu:

— Que raios de uísque é este?

— O legítimo uísque de milho do Oklahoma — respondeu Maldonado. — Um bocado forte, não é verdade?

— É, um bocado. Arranje-me algo para comer — pediu o sujeito, olhando para fora através da janela, onde a chuva caía ainda forte.

— Só tenho toucinho e ovos — respondeu Maldonado.

O viajante assentiu e continuou a bebericar.

Por volta do cair da tarde, já na segunda garrafa, a chuva havia parado e uma brisa fresca soprava.

O dono da taberna que se havia ausentado por instantes, regressou e informou, sorridente:

— Está com sorte, amigo. Aí vem a diligência.

O homem levantou-se, apanhou a escopeta e colocou os dois reluzentes e imensos cartuchos em suas câmaras; com a mesma calma verificou as

balas do Colt Frontier .45 e novamente sentou-se, voltando a beber.

Maldonado passou a língua nos lábios e sentiu medo. Depois, pavor.

Compreendeu então que aquele homem estava esperando... uma pessoa ou pessoas, para matá-las. Um pistoleiro do aluguel, com certeza.

Maldonado. meio trémulo, dirigiu-se ao balcão, mas foi interrompido pelo homem.

— Tem alguma arma debaixo do balcão, por acaso? — indagou ele, dando meia-volta e encarando o dono da taberna, que engoliu em seco e respondeu:

— Só um velho Sharp, no quarto dos fundos.

O homem foi até o balcão, verificou que o outro estava dizendo realmente a verdade e em seguida apontou para uma cadeira, grunhindo:

— Sente-se ali e não mova um músculo sequer, se e que tem amor à pele, compreendeu, maricão?

Maldonado caminhou rapidamente para a cadeira e sentou-se, tremendo.

Cinco minutos mais tarde, com um rangido de freios, a velha e inconfortável diligência da Wells A largo, parou abruptamente defronte à taberna. O gordo pistoleiro de aluguel olhou pela janela e viu que dois homens enfiados em fatiotas bem cortadas, desceram do veículo. O cocheiro também. Não conduziam nenhum guarda-costas e na própria diligência não havia guarda. O homem com a escopeta sorriu pela primeira vez e dirigiu-se à porta, abrindo-a de sopetão e disparando o primeiro cartucho.

Um dos homens, o mais velho dos dois, soltou um grito lancinante logo que recebeu a carga em pleno peito. O outro ainda tentou reagir, baixando a mão para a coronha da arma. porém não teve a menor chance. O pistoleiro acionou o outro gatilho e a cabeça do recém-chegado sumiu, estourando corno um melão maduro, só que feito de ossos, sangue e massa encefálica.

Com a mesma precisão e sangue-frio. o homem passou a escopeta para a mão esquerda e sacou rapidamente o Colt. disparando apenas uma vez contra o cocheiro, que recebeu o projétil em pleno coração.

Quando ele saiu para verificar os ‘cadáveres. Maldonado aproveitou aquela 'que poderia ser sua única oportunidade. Disparou para os fundos com a rapidez de um raio e mergulhou pela janela, caindo no solo duro.

Porém, não hesitou um só instante: continuou correndo até as rochas próximas, os pés haviam criado as asas do medo. Continuou correndo por quase uma hora, até que desfaleceu, caindo em um barranco.

Quando acordou, o sol já ia alto e ele fez o trajeto de volta, ainda trêmulo e um pouco febril. Finalmente, avistou sua taberna, apenas poucas toras de madeira fumegante. O pistoleiro a havia incendiado. Os corpos se encontravam onde haviam tombado e no céu os urubus faziam círculos cada vez menores, já descendo para o banquete inesperado.

Com dificuldade, ele colocou os corpos dentro da diligência e partiu rumo a Vernon, com sua carga macabra. Na cidade, ele soube que os cadáveres eram do juiz William Parker e de um delegado federal, que iam a caminho de Quanah, a fim de intervirem em um julgamento. E pela descrição que forneceu ao xerife, ficou sabendo que o nome do assassino era simplesmente Gilbert Black.

Depois disso, nunca mais Joe Maldonado voltara a Vernon, preferindo, com sucesso, a vida de crupiê por diversas cidades do Texas. E por alguma espécie de azar, agora ele se encontrava em Lubbock, onde também estava o maldito Black, apelidado de “O Anjo da Morte”, por dezenas de juízes, delegados e xerifes do território.

* * *

Maldonado sacudiu a cabeça, espantando as recordações. Guardou o baralho em sua caixa e ficou de pé, tomando uma resolução, que para ele, se mostrava como a única: iria conversar com o xerife Smart e contar-lhe tudo.

— Vai sair, Maldonado? — indagou Frank, o homem do bar, notando que o crupiê dirigia-se a porta vaivém.

— Sim, Frank... A noite está quente, vou dar uma volta por aí.

O outro assentiu e voltou a conversar com os vaqueiros, que continuavam a bebericar, recostados ao balcão.

Maldonado espiou para a rua escura, onde não havia vivalma. Somente os dois lampiões a petróleo a iluminavam, um defronte à casa do magistrado e outro do lado do xerifado. E foi para lá que ele se dirigiu, olhando com temor ao redor e caminhando apressado.

Quando o crupiê desceu a calçada de madeira e ia atravessar o pequeno beco que o separava do xerifado, uma possante mão o segurou pelo paletó,

arrastando-o para a escuridão.

Ele quis gritar, porém sentiu algo muito frio e afiado encostado sobre seu pomo-de-adão. E uma voz com um bafo de uísque disse-lhe ao ouvido.

— Uma só palavra e é um homem morto, amigo.

Maldonado engoliu em seco e sua testa ficou porejada de suor.

O homem prosseguiu, sem desviar um só milímetro a faca do pescoço do crupiê:

— Eu também tenho uma excelente memória, Maldonado! Foi há uns cinco anos atrás em Ver- non. não foi?

Maldonado continuou calado, agora sentindo um calafrio na espinha.

— Não foi? — insistiu Black, com um esgar no rosto suado.

— Sim... foi... — balbuciou o afeminado crupiê, sentindo que sua hora havia soado. — Mas por favor... não me mate, eu não o denunciarei.

— Não, Maldonado? E o que estava fazendo, indo ao xerifado?

— Nada... nada...

— Compreendo... Estava apenas tomando um fresco... Claro... a noite se apresenta um bocado quente. Arranje outra desculpa melhor, amigo.

— Eu... eu possuo umas economias...

— É mesmo, Maldonado?

— Sim, juro que sim...

— E em quanto montam suas economias? — perguntou Black, um tanto interessado.

— Em seis mil e quinhentos dólares — tornou a balbuciar o crupiê, agora o suor lhe descendo pelo rosto em bátegas frias e constantes.

— E onde estão suas economias, Maldonado? — prosseguiu Black, divertindo-se com a situação. — No banco, por acaso?

— Não, não...

— Estão aonde, amigo?

— No... meu quarto, no andar de cima do saloon.

— Hum... Quer dizer que seu quarto fica no andar de cima do saloon?

— Sim... O último, à esquerda, no final do corredor.

— Muito bem, Maldonado. Onde está escondido o dinheiro? — perguntou com a boca colada ao ouvido do outro, porém sem afastar a lâmina.

— Na cômoda, na última gaveta, sob um fundo falso.

Os olhos de Black cintilaram de maldade e retrucou, sorrindo:

— Obrigado pela informação, Maldonado. E dê minhas lembranças a Belzebu, assim que encontrá-lo.

O crupiê quis reagir, porém Black não lhe deu oportunidade. Simplesmente tapou-lhe a boca com a mão esquerda, enquanto que com a outra, seccionava-lhe a carótida, para em seguida arrastá-lo até o fundo do beco escuro.

Maldonado estrebuchou durante alguns instantes, o sangue a jorrar em profusão da ferida aberta, empapando a terra seca. Alguns minutos depois, ele ficava imóvel, os olhos muito arregalados para o céu. Só que já estava morto, não enxergava nada.

Black limpou a faca no paletó de Maldonado e afastou-se. Não era tolo de ir apanhar o dinheiro agora, no andar superior do saloon. No momento exato faria isso, pois era a única pessoa que conhecia o local onde se encontravam as economias de Maldonado.

* * *

O juiz Calvert mastigou furiosamente a ponta do charuto, soltou unias baforadas acompanhadas de sonoros palavrões e finalmente encarou o xerife Smart, que estava sentado à sua frente, em seu escritório.

— Esse tal de Black não foi pago para matar um crupiê efeminado!

— Já expliquei, Mel...

— Raios! E se alguém descobre que foi ele, onde ficamos?

— Quanto a isso não há a menor possibilidade, juiz. Black é um homem acostumado com aquilo que faz. Sempre faz as coisas bem-feitas.

— Nem tanto, Smart. Ele deixou uma testemunha viva há cinco anos que poderia compromete-lo.

— Azares do ofício, Mel. Mas o assunto está liquidado e segundo suas próprias palavras, seu plano de ação está pronto.

— Espero sinceramente que sim, Smart. Ele disse que liquidaria o assunto em três dias e já vai fazer uma semana que ele se encontra na cidade.

— Sei disso, Mel. Mas é preciso ter um pouco de calma.

O magistrado sentou-se pesadamente em sua poltrona, apanhou a garrafa de uísque, despejou uma generosa dose em seu copo e a engoliu praticamente de um só gole. Pareceu acalmar-se um pouco.

— Muito bem, Smart... Vamos esperar mais um pouco.

— Assim é que se fala. Mel. Fique tranquilo, ele resolverá tudo dentro de pouco tempo.

— Certo, certo... Agora, dê o fora, pois tenho que trabalhar.

— Apenas outra coisa, juiz...

— O que é agora, Smart?

— A dona do saloon, a Geórgia, está oferecendo uma recompensa de dois mil dólares para quem encontrar uma pista que leve ao assassino do seu crupiê. É mais uma dor de cabeça.

— Para você, meu caro Smart. Para você! — resmungou o juiz, voltando a colocar o charuto na boca, mastigando-o com fúria.

Smart deu meia-volta e saiu do escritório do magistrado, rumando diretamente para o xerifado.

* * *

Geórgia olhou profundamente para Maxwell, que se sentara a seu lado, numa das mesas do saloon.

— Maldonado não merecia aquilo, meu amigo.

— Não, claro que não — respondeu o rapaz, intrigado. — Mas você deve lembrar-se que ele era um homossexual e não era bem visto por certas pessoas.

— O que você quer dizer com isso, Maxwell? — indagou a loura, intrigada.

— Hum... não sei ao certo. Ele não teria algum "amigo", por acaso?

— Compreendo aonde você quer chegar. Sim... há algum tempo atrás, um dos vaqueiros do "Rancho Davis". mais ao norte, parece que andou tendo certo "caso" com ele.

— Bem, já é um começo...

— O tal vaqueiro conseguiu quinhentos dólares emprestado dele e desapareceu de Lubbock. Isso já faz quase um ano.

Maxwell ia dizer algo, quando entrou Black, caminhando vagarosamente para onde eles se encontravam. Parou diante dos dois e indagou:

— Permitem-me?

A loura apontou-lhe uma cadeira.

O pistoleiro de aluguel sentou-se pesadamente e murmurou:

— Já soube do que aconteceu. Que coisa bárbara, moça.

Ela assentiu, com um gesto vago de cabeça.

Black prosseguiu:

— Eu estive ontem à noite aqui. O crupiê estava jogando paciência... hum, naquela mesa apontou para um dos cantos da sala — e pareceu-me bem tranquilo. A propósito, já conseguiram alguma pista do assassino?

— Não, nenhuma — respondeu Maxwell. — Quando você saiu, ele ainda se encontrava aqui?

— Sim, continuava a jogar sua paciência, sozinho. Havia três jovens vaqueiros no balcão, conversando com o barman. Eu comprei uma garrafa, em seguida tomei uns goles e tratei de ir embora. Sabe como é... o meu velho carroção estava sozinho com as minhas quinquilharias e poderia um larápio qualquer aparecer e fazer urna limpeza.

— É compreensível.

— Você não trabalha para a senhorita Anderson, por acaso?

Maxwell fez que sim.

— Ah! Vou visitá-la hoje mesmo. Soube que tem um grande rancho, certo? E onde tem um grande rancho há muita gente trabalhando. E onde existe muita gente trabalhando, tem que haver muita comida. E onde há bastante comida, devem precisar de muitas panelas, concorda?

Maxwell sorriu e concordou da lógica do mascate.

— Sim, acho que tem razão, senhor...

— Morgan, Julien Morgan, para serví-lo.

— Pois faça isso, Morgan. É bem provável que a patroa compre algumas de suas panelas. Como você bem o disse, onde há muita gente, deve-se precisar de muitas panelas.

O falso Morgan agradeceu e dirigiu-se ao balcão pedindo uma bebida.

— Não sei não, mas não vou com a cara desse sujeito — murmurou o rapaz, para a dona do saloon.

— Bobagem, Willcox. Esse mascate é um tipo inofensivo — riu a moça.

— É, talvez seja. Eu é que sou um sujeito muito desconfiado.

No balcão, após receber sua bebida, Black pensou com seus botões:

— Está muito próximo o dia em que você e a senhorita Anderson se acharão diante de Maldonado, no inferno!

E engoliu a bebida com prazer, sem deixar de sorrir.

CAPITULO SÉTIMO

O mensageiro da morte

Stone, o capataz do “Rancho Anderson” e Maxwell haviam acabado de chegar a Lubbock com o carroção e uma lista de compras. Pararam o veículo ao lado do armazém de Garcia e saltaram, quando notaram que à entrada da rua principal, vinha chegando “Fat” Albert com suas duas mulas.

— Velho gaiato — murmurou Maxwell, sorridente. — Aposto que não conseguiu encontrar um só grama de ouro.

— Mas deve ter se divertido à vontade — completou o capataz. — Parece que está acenando para nós, Maxwell.

— Sim, acho que sim — tornou o rapaz, recostando-se ao carroção, esperando que o velho e gordo garimpeiro se aproximasse.

Cinco minutos mais tarde, o velhote saltava da mula e dirigia-se aos dois, todos sorrisos.

— E então garotos, pensaram que o velho “Hat” era algum imbecil?

— Não, claro que não — riu Maxwell, enquanto o garimpeiro retirava o pacote embrulhado em um pedaço de oleado e aproximava-se dos dois.

Antes de abrir o pacote, “Fat” olhou ao redor e viu que não estava a chamar a atenção de ninguém.

— Pois olhem isto, meus filhos! — riu o velho, retirando um dos dois saquinhos de pele de gamo e o entreabrindo aos olhares incrédulos e fascinados da dupla. — E então, garotos, gostaram da proeza do velho garimpeiro?

— Raios me partam, velho, mas isto é ouro puro! — balbuciou Stone. — De onde veio esta maravilha?

O velhote deu uma gargalhada, fechando o saquinho e embrulhando-o no oleado.

— Por enquanto é segredo, filhote.

Maxwell abraçou o amigo, dizendo:

— Então você conseguiu, velho dos diabos!

— Isso mesmo, rapaz. E de onde retirei este, tem muito mais, espero. Foi a coisa mais fácil do mundo. Nunca ninguém, a não ser os apaches. estiveram no local.

— O que pretende fazer, agora? — prosseguiu Stone.

— Hum... Acho que vou registrar o local em meu nome, se for possível fazer isso.

— Terá que se informar primeiro na prefeitura. E eu irei com você. a fim de que tudo saia certo. Mas isso pode esperar até amanhã, está bem?

— Muito bem, rapaz. A propósito, soube por um vaqueiro que mataram o crupiê do saloon. o tal de Maldonado.

Maxwell fez uma careta:

— Sim, degolaram o pobre-diabo.

— Já apanharam o assassino? — quis saber o garimpeiro.

— Não, ainda não.

— Nenhuma testemunha? — indagou “Fat”.

— Nada. Apenas o barman, três vaqueiros e um vendedor ambulante chamado Morgan foram as últimas pessoas que o viram com vida, antes de...

— Julien Morgan, aquele velho safado está na terra? — cortou “Fat”.

— Conhece-o, por acaso? — inquiriu Maxwell, interessado.

— Claro que sim. Quando eu e Flinn morávamos em Túlia, às vezes fazíamos algumas compras a ele. Panelas, uísque, alguma munição. Mas já faz muito tempo.

O rapaz teve um sobressalto e olhou para Stone, que indagou ao velho garimpeiro:

— Você disse que Morgan é um velho?

— Ei! O que diabos está havendo? Como já disse...

Maxwell o interrompeu:

— Responda a pergunta, “Fat”.

— Sim, claro que Morgan é um rato velho, beirando os setenta anos ou mais.

— Não é um tipo meio gordo e calvo, cerca de uns quarenta? — prosseguiu o vaqueiro.

— Bolas! Claro que não. Essa pessoa que você descreveu eu não conheço, Maxwell.

— Então... — um pensamento sinistro passou pela cabeça do vaqueiro. — Então... quem será o sujeito que está se passando pelo mascate?

— Eu sei lá — resmungou o velhote.

Maxwell saltou para o carroção ainda vazio, acompanhado pelo capataz do rancho e gritou para o garimpeiro:

— Corra ao escritório do xerife e diga que vá imediatamente ao “Rancho Anderson”. Ê um caso de vida ou morte.

— Quer me explicar...

Os dois homens não responderam. Maxwell fez os cavalos dispararem em plena rua principal, o pesado veículo levantando uma grande nuvem de pó.

— Meu Deus — balbuciou Maxwell, lembrando-se de que havia deixado há momentos atrás, o faixo mascate conversando com Janet Anderson, sobre uma venda de panelas para a cozinha dos vaqueiros.

* * *

Black, que cavalgava ao lado da jovem Anderson, examinou com um pouco de interesse o vasto pasto onde centenas de reses pastavam e disse:

Tem um belo rancho, senhorita. Aqui do alto da colina, dá bem para se notar um ótimo rebanho e excelentes pastos. Pena que não vá viver muito para usufruir de tudo isto — pensou ele.

— Meu pai tinha muito orgulho destas terras, senhor Morgan — respondeu ela, sorridente.

— Não é para menos, senhorita... Hum, o que há além daquelas rochas, à esquerda? — indagou o falso mascate, apontando para um ponto mais além. fazendo-se de interessado.

— Ali? Nada... apenas uma velha cabana que é usada pelos vaqueiros à época da marcação do gado. No momento, está desabitada.

— Interessante... Quando vejo uma cabana entre rochas e velhas árvores, lembro-me do lugar onde nasci, em Lawton, Oklahoma. Será que era pedir muito se eu pudesse dar uma espiada na cabana?

— Não, claro que não, senhor Morgan — disse ela olhando com simpatia para aquele sujeito alto e meio gordo, de sorriso bonachão. — Se realmente deseja ir até a cabana, está tudo bem.

Black sorriu intimamente, olhando ao redor. Estavam sozinhos.

* * *

Maxwell saltou do carroção juntamente com Stone e disse a ele:

— Sele os cavalos enquanto me informo para onde os dois foram. E faça isso bem rápido, pois a vida de Janet pode estar em perigo.

O capataz correu para a cocheira e Maxwell entrou como um furacão na casa, procurando Maria, a governanta mexicana de Janet. Quando regressou, Stone já se achava com os animais prontos. No minuto seguinte, o xerife e seu ajudante também chegavam a galope.

— Foram para o pasto norte, pela colina — grunhiu Maxwell. — Já sabe o que está acontecendo, não. xerife?

— Sim, acho que sim. Seu amigo garimpeiro esteve no xerifado, afobado, com uma história meio estranha, dizendo que o homem que está com o carroção de Morgan não é o verdadeiro mascate.

— Isso mesmo. Os dois se dirigiram para o pasto norte pelas colinas, e eu tenho um pressentimento nada bom.

Smart franziu a testa e prosseguiu:

— Do que está falando, rapaz?

— Posso estar errado, mas Janet pode estar passando por grande perigo, xerife.

— Talvez esteja morta a estas horas, amigo — pensou Smart. Mas ao invés, retrucou:

— Então, vamos atrás deles!

Os quatro cavaleiros saíram então em disparada, rumo às colinas.

* * *

Black desmontou, sendo imitado pela jovem rancheira. Ele examinou os arredores e riu baixinho.

— Do que está rindo senhor Morgan? — indagou ela, confusa.

— Vai ser mais simples do que eu esperava, moça — disse ele, sacando o .45 e apontando-o para ela. — Vamos, entre na cabana.

— O que... o que está acontecendo?

— Moça, não dificulte as coisas, por favor.

— O que pensa que está fazendo?

— Hum... Sabe de uma coisa? Fui contratado para matá-la. A você e um certo sujeito chamado Maxwell, seu amiguinho.

— Mas por quê? — indagou ela, assustada ante a mudança do sujeito risonho e bonachão. — Posso saber por quê?

— Não sei, moça, nem perguntei a quem me contratou. Só sei que vocês mortos valerão três mil dólares.

— Acha que valho tão pouco, Morgan?

— Outra coisa: meu nome não é Morgan, e sim, Gilbert Black, um pistoleiro de aluguel. E sabe de uma coisa, boneca? Nunca deixei de cumprir nenhum contrato até hoje. Mas chega de conversa, vá entrando na maldita cabana. Procurarei ser rápido. Você não sentirá. Apenas um balaço na cabeça, e nada mais.

A moça estremeceu ante a perspectiva de ser friamente assassinada de forma tão bárbara. Criando coragem, ela o encarou.

— Então... Você disse que minha vida e a de Maxwell valem exatamente três mil dólares para você, não é, Black?

— Isso mesmo, dona. Três notas das grandes.

— Que tal ganhar cinco mil para nos deixar vivos? — inquiriu ela, os olhos fixos no rosto gordo do pistoleiro. — Possuo esse dinheiro no cofre do rancho, para uma emergência.

O pistoleiro passou a língua nos lábios secos, retrucando:

— Não deixa de ser uma boa oferta, moça. Mas já aceitei o encargo... e sempre cumpro minha palavra, sabe? Ética profissional, compreende? — um sorriso cínico surgiu no rosto balofo do assassino de aluguel.

— Sete mil dólares. Black — respondeu ela, controlando a respiração. — Ê tudo quanto possuo em casa.

— É um bocado de dinheiro, moça.

— Sim, é. E você pode dar o fora sem ser molestado.

A ganância brilhou nos olhinhos miúdos de Black.

— E quem me garante isso?

— Eu garanto — respondeu ela, firmemente.

— Hum... Você está me tentando!

Ela sentiu que havia tocado no ponto fraco do pistoleiro.

— Nós regressaremos ao rancho, você recebe o dinheiro e some imediatamente de Lubbock.

— E em seguida uma dezena de vaqueiros armados até os dentes me perseguirão por todo o território. Nada feito, dona. Se eu aceitar a barganha que está me propondo, será da minha maneira.

A moça respirou um pouco mais aliviada:

— Diga o que pretende, então.

— Bem... Nós voltaremos ao rancho, apanharemos o dinheiro e você seguirá comigo no carroção, até o Double Mountain. La eu a libertarei e a seguir, sumirei da região. O que acha disso?

Ela teve que concordar, porém antes indagou:

— E quem garante que você não me matará. Black?

— Ora, pequena, é muito simples. Se eu a matar, atrairei para mim um bando de justiceiros querendo tirar meu couro, já que você é uma personalidade em Lubbock. Além do mais, sua morte ou a de Maxwell não me afetam, absolutamente não me interessam. Pode ficar certa de uma coisa: o que realmente eu quero, é a grana.

Ela achou a resposta plausível.

— Muito bem, vamos regressar ao rancho — propôs.

— Sim, dona. Mas lembre-se de que tenho um .45 apontado para sua linda cabecinha. Qualquer movimento em falso, qualquer deslize, ela praticamente se desintegrará e você irá para o reino dos céus. Compreendeu bem?

Ela fez que sim e ambos voltaram a montar, Black sempre empunhando o .45 Frontier de seis tiros.

* * *

Maxwell foi o primeiro a avistar o casal deixando a cabana, na direção da sede do rancho. Voltou-se para os demais e disse:

— Ele tem uma arma apontada para Janet. De forma, que, não atirem em hipótese alguma. Eles terão de vir pela mesma trilha e passarão bem perto daqui. Sc alguém tiver de atirar, serei eu.

Smart interveio.

— Moço, o xerife daqui sou eu.

— Mas estas terras são particulares, xerife. Além do mais desejo que o falso mascate seja apanhado vivo.

— E para quê? — indagou Scott, o ajudante de Smart.

— Tenho algumas perguntas a fazer-lhe — resmungou o rapaz, retirando o Winchester do coldre da sela e movendo a alavanca, colocou

rapidamente um projétil .45 na câmara. — Quanto a vocês, tratem de se espalhar logo cm seguida entre as pedras. E fiquem quietos!

Smart ia retrucar, mas preferiu ficar calado. Se Maxwell pensava que ele iria deixar que Black desse com a língua nos dentes, estava muito enganado. Dirigiu-se ao cavalo e retirou o seu Sharp .44, dirigindo-se rapidamente para um ponto mais além. à frente dos outros, engatilhando a arma e ficando a esperar, ü primeiro tiro, logicamente seria eu. Um tiro mortal, naturalmente. E nunca ninguém ficaria sabendo de nada. E o juiz Calvert também ficaria a salvo.

A distância entre o casal e os homens que o seguia, foi diminuindo e Maxwell levou o rifle ao ombro, procurando uma posição melhor, ainda meio indeciso quanto ao local do corpo do falso mascate que procuraria atingir e deixá-lo fora de ação. Decidiu que o acertaria no ombro esquerdo. O impacto seria suficiente para tirá-lo da sela.

De repente, quando já se preparava para atirar, um estampido ecoou e ele viu, com surpresa, o assassino ser jogado fora do animal e cair como um fardo, ficando imóvel. À sua frente, Smart ficou de pé e gritou:

— Está tudo acabado, senhorita Anderson.

A jovem, ouvindo seu nome ser pronunciado, saiu do transe em que se encontrava e esporeou a montaria, dirigindo-se aos homens que se levantavam naquele instante.

Furioso, Maxwell dirigiu-se ao xerife.

— Eu não avisei que tomaria a iniciativa, Smart?

O xerife o encarou calmamente:

— Fiz o que achava de direito, rapaz. Não ia mais pôr em risco a vida da moça. Aliás, eu bem que lhe disse quem era a autoridade aqui, porém você não quis me dar ouvidos.

— Naturalmente o patife está morto — tornou Maxwell.

— Naturalmente. Um projétil .44 na têmpora, geralmente mata um búfalo ou um touro.

Scott aproximou-se dos dois, apoiando o seu superior.

— O xerife tem razão, vaqueiro. O que você estava pretendendo era impossível.

— Eu não pedi sua opinião, Scott.

— Mas acabou de tê-la.

O capataz aproximou-se dos três, intervindo:

— Bolas! Vocês estão esquecendo a senhorita Anderson.

A jovem chegou a trote, o rosto banhado em lágrimas.

Maxwell soltou o rifle e correu para ampará-la. Fê-la descer vagarosamente do cavalo e a estreitou em seus braços fortes.

— Oh! Maxwell... — foi o que conseguiu dizer, pois logo em seguida o mundo pareceu rodar em sua cabeça e ela desmaiou.

CAPITULO OITAVO

A morte não manda aviso!

— Com que então o patife chamava-se Gilbert Black, um assassino profissional — murmurou a jovem Anderson, encarando Stone e Maxwell, que haviam acabado de tomar o café e se encontravam no escritório do rancho.

— Foi a comunicação que Smart recebeu de Electra, onde sua cabeça se encontrava a prêmio. Aliás, era procurado em mais de dez cidades do Texas e Oklahoma, por cerca de quinze assassinatos — respondeu Maxwell, retirando um charuto e acendendo-o.

— Um matador profissional, de aluguel. Com uma cara de santo — falou Stone, fazendo uma careta.

— Raios! Se o xerife não fosse tão precipitado, talvez a estas horas nós soubéssemos do nome do mandante.

— Ele estava muito preocupado com a segurança da patroa, Maxwell.

— Hum... Pode ser que sim, pode ser que não — murmurou o rapaz, acendendo o charuto e soltando uma baforada para o teto.

— Aonde você quer chegar? — inquiriu a moça, intrigada.

— A lugar nenhum, Janet, mas tenho minha versão sobre tudo que acontece em Lubbock. Gostariam de conhecê-la?

— Claro que sim — respondeu ela, interessada.

O capataz fez que sim com a cabeça, muito atento.

— Muito bem. Então, ouçam...

Os dois encararam atentamente o rapaz, que iniciou:

— O pai de Janet foi morto por North, seu capataz, certo?

— Terá sido ele mesmo, Maxwell? — indagou a moça, meio incrédula.

— Bem, suponhamos que tenha sido ele. Quando você assumiu o rancho e resolveu tocá-lo adiante, notou um círculo feito a lápis num local estranho, árido, abandonado, o tal arroio. O velho “Fat” garante que não existe a mínima possibilidade de extrair ouro daquele local. Mas quase

morremos numa tocaia exatamente naquele maldito arroio. E agora por último, Janet escapou por pouco de ser assassinada. A troco de quê?

— E o que tem isso a ver com o arroio? — inquiriu Stone, sem compreender.

— Não sei ao certo, mas pressinto que tem algo a ver com o arroio. A não ser que...

— A não ser o quê, Maxwell? — quis saber a moça, intrigada.

— Você tem herdeiros, Janet?

— Você bem sabe que não — respondeu ela.

— Pela lei territorial, suas terras iriam a leilão, caso você...

— Você diz, caso eu morresse, não? — interrompeu ela, assustada.

— É bem capaz. E como são excelentes terras e um bom rebanho, é provável que exista muita gente interessada nelas.

— Quem, por exemplo? — prosseguiu a moça, fitando o rosto muito sério do rapaz.

— Se eu soubesse da resposta, saberia quem deseja matá-la, Janet — o cenho de Maxwell fechou-se numa carranca. — Mas vou descobrir.

— Pode apostar nisso, Janet. A propósito, Stone. você será o anjo-da-guarda dela. Já que eu não poderei acompanhá-la sempre, você fará isso. Certo?

O capataz assentiu, muito sério.

— Acha que é mesmo necessário, Maxwell? — suspirou ela, preocupada.

— Sem a menor dúvida. Você não porá os pés fora da casa sem que Stone a acompanhe. Outra coisa. Stone: além do Colt, nunca deixe de sair com um rifle carregado, entendeu?

— Fique tranquilo, Maxwell — tendeu o capataz. — Ficarei atento.

— E quanto a “Fat”? — quis saber o rapaz.

— Resolveu voltar à montanha, para ver se vale mesmo a pena continuar a extração, se não é coisa apenas superficial e registrar a terra. Velho danado, aquele. Sim. como se foram no banco? — desejou Stone saber.

— Muito bem. O gerente avaliou o ouro na cotação oficial e depositou três mil e setecentos dólares numa conta que abriu para o velho.

— E quanto ao local exato de onde extraiu o ouro?

— O velho patife não revelou. Apenas sorriu e desconversou — respondeu o rapaz, com um sorriso. O seguro morreu de velho, senhores.

Os três caíram na risada, um pouco descontraídos.

* * *

O juiz Calvert parecia uma fera enjaulada, andando vagarosamente em torno de sua mesa de trabalho, nos altos da residência. Finalmente, quando Smart apareceu, ele soltou uma praga.

— E então, alguma coisa? — inquiriu ele.

O xerife retirou um envelope do bolso e passou-o ao magistrado, que só fez reparar no nome do remetente e o abriu. Leu vagarosamente, procurando manter-se calmo. Finalmente disse:

— É o meu informante em Roscoe, um velho amigo. Que por sinal, ainda continua sem saber de nada. Pensa que estou atrás de saber sobre a estrada de ferro, a fim de dar a boa nova à população.

— Muito bem, juiz. O que ele diz aí?

— Que dentro de dois meses estará aqui uma equipe de engenheiros e também agrimessores, a fim de fazer um levantamento preliminar.

— Isto significa dizer que o nosso tempo está escasseando, amigo.

— Sim, é verdade... Só há uma solução agora, caro Smart.

— E qual é ela, juiz? — indagou o xerife, já sabendo da resposta que se encontrava na cabeça do magistrado.

— Você é a nossa última esperança, xerife — respondeu calmamente, os longos dedos cofiando a barba espessa. — Você vai ter que liquidá-los sem demora, ou estaremos em palpos de aranha.

— Hum... E por que você não faz isso?

— Não sou homem acostumado a lidar com armas, meu caro — respondeu o outro, sem titubear. — Só lido com as leis... Além do mais existem diversas razões para incentivá-lo. Os dez mil dólares que lhe prometi, se tudo desse certo é uma delas. Dez mil boas razões, xerife.

— Por que não quinze mil, juiz? — sorriu Smart, observando que o juiz franzia o cenho, numa expressão de desagrado. — Afinal, a parte sempre mais perigosa cabe a mim.

Calvert sentou-se, apanhou uma garrafa e dois copos, encheu-os, dando um deles a Smart, retrucando:

— Muito bem, que sejam quinze mil dólares. Mas se você falhar...
— Se eu falhar, como você bem o disse, estamos fritos.
— Sim, é isso mesmo. Estaremos fritos. Portanto, não falhe.
— Tem alguma sugestão de como deve ser feito o trabalho?
— Bem... Você é o xerife, com entrada livre em todas as partes.
— O que quer dizer com isso, Mel?
— Bolas, homem, raciocine! Atraia-os à uma cilada.

— É fácil de dizer, meu caro. Mas agora, a jovem e aquele intrometido estão precavidos quanto às tocaias.

— Será que desconfiam de você? — inquiriu o magistrado, preocupado. — Ao que me consta...

Smart o interrompeu, com um gesto de mão: Não, não desconfiam de mim, claro. Sou o xerife desta cidade há um bocado de tempo e tenho a fama de justo e honesto. Todos me conhecem.

— Isto é muito bom, não vê?

— Sim, tem razão... Acho que estou com uma idéia amadurecendo, juiz.

— Isto é bom. Smart. Muito bom. O que pretende fazer?

— Como já disse, é apenas uma idéia que está tomando corpo, entende? Dentro de uns dois ou três dias estarei com o plano pronto.

— Gostaria de conhecê-lo. quando terminar de lapidá-lo.

— Será o primeiro a saber de tudo, Mel. Aliás, o único a saber.

O juiz engoliu sua bebida e retrucou:

— Vá em frente, Smart. E procure não falhar.

O xerife não retrucou. Apenas deu meia-volta e saiu da sala atapetada, descendo as escadas e caminhou diretamente para seu acanhado cubículo no xerifado.

* * *

O barman serviu uma generosa dose de uísque ao velho “Fat” e indagou, sorrindo de maneira simpática:

— Parece que achou algo nas montanhas, não, velho?
— Bah! Qual o quê, Frank. Por ali tem apenas pumas e cobras.
— Hum... E por que continua voltando sempre para lá?
— Sei lá... Garimpar é uma espécie de doença, entendeu?

O homem do bar, porém, não se deu por satisfeito.

— Precisa de um sócio, velho?

— Não, Frank, não preciso. O único que tive, morreu há pouco tempo.

— Sei da história. E quanto a Maxwell? Ouvi falar que você ia dar... sociedade a ele, caso encontrasse alguma coisa.

O velhote deu de ombros e prosseguiu, sempre evasivo:

— Taí... Não deixa de ser uma boa idéia, Frank. Mas acho que ele parece que tem outros planos.

— É mesmo? Que planos? — indagou o curioso barman.

O velho soltou uma sonora gargalhada, engoliu a bebida de um só trago e retrucou:

— Tenho a impressão de que ele prefere ser rancheiro, Frank.

— Não sabia que Maxwell estava pretendendo comprar um rancho.

— Você é mesmo uma toupeira, rapaz — riu o velhote. — E agora, dê-me umas duas garrafas desse seu veneno para esquentar o frio lá em cima.

O barman ia dizer algo, porém preferiu calar-se. Apanhou as garrafas na prateleira e as entregou ao velho, que pagou e se despediu, saindo para a rua poeirenta, atrás de suas mulas.

Nesse momento, o juiz Calvert também deixava sua residência e seguia diretamente para o banco, cumprimentando as pessoas por quem passava.

— Conheço essa cara de algum lugar — pensou o garimpeiro, examinando-o, notando também que o outro o olhava com interesse, por uns instantes.

Logo deu de ombros e dirigiu-se aonde estavam seus animais, já com a sua tralha nos lombos.

CAPITULO NONO

Ajuste final de contas

Após deixar o banco, o juiz dirigiu-se ao xerifado, onde encontrou o xerife sozinho, atrás de sua mesa, tomando uma xícara de café. Foi direto ao assunto:

— E então, Smart. já pensou em alguma coisa?

— Claro, juiz. Amanhã mesmo o assunto estará liquidado para sempre.

— Ótimo. Posso saber como pretende agir?

— Naturalmente. Amanhã é sexta-feira, dia de compras do rancho. Stone e Maxwell deverão vir até à cidade com o carroção. como fazem sempre.

— E daí? — quis saber o magistrado, intrigado.

— Bem, geralmente eles chegam mais ou menos às dez horas na cidade.

— Compreendo..., mas não estou entendendo patavinas.

— Acontece que a senhorita Anderson ficará no rancho, sem proteção.

— E você pretende liquidá-la, certo?

— Hum-hum... Sairei por volta das seis horas, e os esperarei na curva do outeiro, a dez quilómetros, daqui.

— E liquidará os dois, certo?

— Errado! Deixarei que venham à cidade, darei fim na moça e os esperarei novamente no outeiro, quando regressarem ao rancho.

— Sim, mas sua ausência será notada em Lubbock, Smart.

— Não, não será, juiz. Você será meu álibi.

— Como assim? — espantou-se o velho.

— Muito simples... Você sairá muito cedo de casa, antes do amanhecer e se dirigirá para o sul, para as montanhas. E me esperará neste local, a dois quilômetros do sopé da primeira montanha — disse ele, retirando algo de uma gaveta, um pedaço de papel, onde havia um pequeno mapa meio rústico, mostrando o local exato onde o juiz deveria esperá-lo. — Compreendeu, meu caro?

O juiz soltou um grunhido de aprovação e retrucou:

— Muito bem pensado, Smart.

— Também acho. Logo que liquide com Stone e Maxwell, me dirigirei ao seu encontro. E então, voltaremos juntos à cidade.

— Bom, muito bom mesmo — aprovou Calvert, acendendo um charuto fino, com um brilho estranho no olhar.

— E quem suspeitará de mim, já que me encontrava com o meritíssimo e honrado juiz da comarca de Lubbock?

— Ninguém, é claro — ripostou o juiz, soltando uma baforada. — Existe uma coisa, porém, Smart...

— O que é, Mel?

— Como vai conseguir entrar no rancho sem que ninguém o veja?

— Da mesma forma que entrei, quando eliminei o velho Anderson — respondeu o xerife, muito seguro de si.

* * *

Passava um pouco das oito da manhã, quando do seu posto, Smart notou o carroção que descia a encosta, em direção a Lubbock, com dois homens em sua boleia. Sorriu intimamente e montou em seu animal, dirigindo-se a galope para o “Rancho Anderson” pela parte de trás.

Meia hora mais tarde. ele amarrava a montaria numa velha árvore e em seguida corria para umas rochas próximas, que ficavam por trás da linha da sólida construção da sede do rancho, olhando ao redor. Tudo estava quieto, sem ninguém à vista. Apenas alguns cavalos se encontravam no curral e tudo indicava que a moça estava sozinha na grande casa. provavelmente no escritório do pai. como sempre fazia, segundo soube.

Ele atravessou o pátio correndo e encostou-se numa das paredes, procurando chegar à janela do escritório do rancho. Logo que conseguiu acostumar a vista com a penumbra de dentro da sala, vislumbrou a jovem escrevendo algo, por detrás da escrivaninha que pertencera a seu pai. Agachou-se e contornou a janela, caminhando para a entrada da casa, que se achava aberta.

— Muito mais fácil do que pensava — achou ele. entrando na sala espaçosa e caminhando diretamente para o gabinete.

Ele entreabriu a porta e murmurou:

— Estou atrapalhando, senhorita Anderson?

A moça levantou a vista do papel e sorriu:

— Olá. xerife, não vi quando chegou. Por favor, entre.

Ele retribuiu o sorriso e prosseguiu:

— Parece que está inteiramente só, senhorita Anderson.

— Sim. é verdade. Stone e Maxwell foram à cidade, às compras. Os vaqueiros estão no pasto norte, marcando as reses. Apenas Maria e as outras empregadas devem estar na cozinha, lá atrás. Bem, a que devo sua visita?

Smart sabia que tinha de ser rápido. Retirou o Colt e apontou para o peito da jovem, agora muito sério.

— Lamento muito, senhorita, mas tem que ser assim.

Lia pestanejou, ficando pálida.

— O que quer dizer com isso, xerife.

Smart suspirou e começou a falar, sorrindo sempre. Quando terminou o seu monólogo, ela indagou:

— Então era isso... Você e o juiz. tentando ficar com o rancho e com a indenização da estrada de ferro...

— Isso mesmo, senhorita Anderson... Só que para o lugar onde você irá. não poderá revelar a ninguém.

Houve então um quebrar de vidros e o estampido de um tiro. O xerife, atarantado, largou a arma, quando o projétil .45 de um Coll Frontier atravessou-lhe o pulso e o desarmou.

No mesmo instante, a porta da saleta foi aberta e Stone e “Fat” apareceram, empunhando suas armas. O velhote encostou sua escopeta .12 sobre o peito do xerife e grunhiu:

— Está liquidado patife. Você e aquele maldito juiz!

Pela janela, ainda com a arma fumegando, apareceu Maxwell, que havia atirado.

O xerife Smart olhou para o pulso estraçalhado e sentiu que se achava perdido. O tiro havia saído pela culatra.

Maxwell aproximou-se da moça e a segurou pelos ombros.

— Você esteve magnífica, Janet. Até hoje não sei como concordei com esta farsa.

Ela o olhou profundamente nos olhos e disse:

— Eu sabia que você estaria por perto, querido.

Ele pareceu perturbado com aquela resposta, mas virou-se para Stone, que ainda apontava sua arma para Smart, mas agora sorria, e disse:

— Desmanche esse sorriso idiota e vá buscar uma toalha para estancar o sangue deste patife, antes que ele emporcalhe a sala.

Em seguida, aproximou-se do xerife, e o acertou com um direto brutal na ponta do queixo, deixando-o desacordado no centro do gabinete.

— Assim é melhor, dará menos trabalho.

O velho garimpeiro baixou a escopeta e inquiriu:

— E quanto ao bode velho, o canalha do Calvert?

— Vamos buscá-lo agora mesmo no sopé da montanha. Você vem comigo.

Com muito prazer, rapaz. Bem que eu havia desconfiado que conhecia aquele miserável de algum lugar. Era de Crowell, quando ainda era apenas um reles advogado, porém já tido como desonesto. Não sei como o canalha subiu tanto até se transformar em um juiz.

Maxwell deu de ombros e caminhou para fora da sala acompanhado muito de perto pelo velho garimpeiro.

Lá fora, os dois se encaminharam para os cavalos. enquanto o capataz e outros dois vaqueiros colocavam o corpo inanimado do xerife no carroção e se dirigiram à cidade, cm busca de um médico.

— Eu vou com vocês, disse a moça.

— Não, não vai — respondeu Maxwell, aproximando-se dela. — Você permanecerá aqui até nossa volta.

— Está bem, já que você prefere assim.

Sem dizer mais uma palavra, atraiu-a para si e a beijou nos lábios.

O velho “Fat”, que a tudo assistia, pronunciou então uma frase inesquecível, que seria de uso corrente um século mais tarde:

— Dá-lhe, garoto!

E desatou a rir.

EPÍLOGO

Lubbock, dois anos depois

Maxwell andava impaciente pela sala, olhando os homens que se reuniam ali, tomando fartos goles de uísque.

"Fat" observou a apreensão do rapaz e disse:

— Acalme-se, filho, tudo vai dar certo.

— Isso mesmo — apoiou Stone. acendendo o cachimbo.

— Desde o início do mundo tem sido assim, meu caro amigo — murmurou com simpatia. Scott, o novo xerife de Lubbock.

Um homem gordo e simpático, de vasta cabeleira entrou na sala e perguntou:

— E então, tudo bem?

Parece que a festa é para logo mais, juiz Gordon.

Jess Gordon, o novo juiz nomeado para Lubbock. retirou um papel timbrado do bolso e olhou para os presentes, anunciando:

— Acabo de receber um comunicado da capital, senhores. Denis Smart e Mel Calvert foram enforcados ontem, na Prisão Estadual de Austin. Parece-me que mais uma vez a justiça triunfou.

Maxwell resolveu sentar-se e retrucou:

— E a memória de meu tio Samuel North está limpa, graças à colaboração de muitos amigos e também da Justiça do Território.

De repente, um vagido alto e persistente foi ouvido na sala.

Maxwell se pós de pé, correndo para a porta, inquieto.

O médico, sorridente, apareceu com a boa nova.

— Muito bem, Willcox Maxwell, você acaba de ser pai de um garoto grande e sadio. A mãe e ele passam muito bem, obrigado.

O rapaz deu uma gargalhada e correu para o interior do aposento.

O garimpeiro virou seu copo e anunciou bem alto:

— E que ninguém se meta a besta, pois o padrinho sou eu!

A porta da entrada foi novamente aberta e a dona do saloon, Geórgia, entrou com uma braçada de flores.

— Cheguei tarde para a festa?

— Na hora — respondeu Stone. — Janet teve um belo menino.

— Excelente. Sabe de uma coisa? Hoje, fazendo uma revista pelo quarto que Maldonado ocupou, encontrei um envelope com seis mil e quinhentos dólares numa gaveta, com fundo falso e uma espécie de testamento.

— Epa! É um bocado de dinheiro, Geórgia.

— As economias de toda sua vida. E sabe para que se destinam?

— Não faço a menor idéia — respondeu o capataz.

— Para a construção de uma escola primária em Lubbock, para atender às crianças carentes.

— Um belo gesto, sem a menor dúvida.

A porta do quarto da parturiente foi aberta e Maxwell saiu com o filho nos braços, embrulhado em uma manta indígena.

— Senhores — disse ele —, gostaria de lhes apresentar oficialmente o meu herdeiro, ou seja. Willcox Albert Anderson Maxwell.

“Fat” Albert aproximou-se do futuro afilhado e sentenciou:

— É a cara do padrinho!

E todos caíram na gargalhada.

FIM

A seguir: ADEUS, CANALHA!
Não perca!

VOCÊ SABIA?

Que os livros de bolso da Editora Monterrey Ltda. possuem:

* Melhor apresentação
* Melhor acabamento
* Melhores histórias
* e os únicos com 128 páginas cheias de suspense e emoção?

●●●

Leia, compare e comprove.

●●●

Escolha o melhor.

BOA VISTA, JI-PARANA, MACAPA, MANAUS, PORTO VELHO, RIO BRANCO E SANTARÉM (VIA AÉREA) MAIS 30% DO PREÇO DE CAPA.

EDITORA MONTERREY

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr$ 65,00